

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA- INC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

TATIANA SAMIAS MAPIAMA

**POVO KOKAMA: Formação dos professores indígenas Kokama
no processo ensino-aprendizagem e vitalização da língua
materna**

Benjamin Constant – AM

2021

TATIANA SAMIAS MAPIAMA

**POVO KOKAMA: Formação dos professores indígenas Kokama
no processo ensino-aprendizagem e vitalização da língua
materna**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito final à obtenção do grau de licenciada em
Pedagogia pelo Instituto de Natureza e Cultura -
INC/UFAM/BC.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Angelita da Silva

Benjamin Constant - AM

2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M297p Mapiama, Tatiana Samias
Povo Kokama : formação dos professores indígenas Kokama no processo ensino-aprendizagem e vitalização da língua materna / Tatiana Samias Mapiama . 2021
84 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Maria Angelita da Silva
TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Pedagogia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Formação de professores indígena. 2. Vitalização cultural. 3. Língua Kokama. 4. Educação indígena. I. Silva, Maria Angelita da. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

FOLHA DE APROVAÇÃO

POVO KOKAMA: Formação dos professores indígenas Kokama no processo ensino-aprendizagem e vitalização da língua materna

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final à obtenção do grau de licenciada em Pedagogia pelo Instituto de Natureza e Cultura - INC/UFAM/BC.

Aprovado em _____ de junho de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Angelita da Silva - Presidente Instituto de Natureza e Cultura – INC/UFAM

Prof.^a. MSc. Maria Auxiliadora dos Santos Coelho - Membro Instituto de Natureza e Cultura – INC/UFAM

Prof. Dr. José Maria Trajano Vieira - Membro Instituto de Natureza e Cultura – INC/UFAM

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente ao meu querido avô André Januário Samias, a ele são todas minhas forças e inspirações para continuar em frente nas lutas. Aos meus tios, Francisco Guerras Samias, Antônio Samias e Benjamin Samias, nossos ancestrais e ancião Kokama. À todos os membros do povo Kokama do alto Solimões, pelas lutas e conquistas que almejamos até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à Deus por me dar forças, ânimo, e coragem quando mas precisei e em todas minhas trajetórias acadêmica.

Aos meus pais: Fidel Cahuasa Mapiama, em especial a minha querida e amada mãe Zuleide Curintima Samias pelos esforços que desde o início me ajudou imensamente, sempre acreditando na minha capacidade e de estar concluindo essa graduação.

Aos meus irmãos que contribuíram bastante, Ezequias, Isabel, Ana Nery, Anabel, Ana Patrícia, Simone, Alessandro, Evandro e a todos meus amados sobrinhos

À toda minha família Samias, primos e primas, Lucinéia Dique e Luciane Samias por estarem sempre presente, a família Dique Geraldo pelo acolhimento, preocupação e carinho, aos meus amigos e colegas de graduação.

Aos meus interlocutores, ao meu povo kokama e lideranças que contribuíram direta e indiretamente em minhas pesquisas, patriarca Edney da Cunha Samias, Eladio Curico, Glades Ramires e professores indígenas.

Finalmente agradeço à Universidade Federal do Amazonas-UFAM, pela contribuição e acolhimento, em parte de todos os professores, técnicos e coordenação acadêmica.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** Modalidades de arco-flechas nas olimpíadas indígena kokama 2020..75
- Figura 2** Centro cultural da comunidade de Sapotal.....75
- Figura 3** Dança cultural nas olimpíadas e segunda festa milenar 2020.....76
- Figura 4** Reunião da Organização de Professores Indígenas pela educação kokama de Benjamin Constant.....76

LISTA DE SIGLAS

- AMIK** Associação das Mulheres Indígena Kokama
- AKIM** Associação Kokama Indígena de Manaus
- BC** Benjamin Constant
- COIAMA** Coordenação de Apoio aos Índios Kokama do Amazonas
- COIAB** Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia
- DANE** Departamento Administrativo Nacional de Estatística
- IBGE** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ISA** Instituto Socioambiental
- FUNAI** Fundação Nacional do Índio
- OGCCIPK** Organização Geral dos Caciques das Comunidades Indígena do Povo Kokama
- OPIPEK-BC** Organização de Professores Indígenas Pela Educação Kokama de Benjamin Constant
- OMS** Organização Mundial de Saúde
- OIT** Organização Internacional do Trabalho
- ONU** Organização das Nações Unidas
- PIBIC** Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
- PNE** Plano Nacional de Educação
- SEMED** Secretaria Municipal de Educação
- TWRK** Tapiya Weteratsun Rimatakuara Kukami
- UFAM** Universidade Federal do Amazonas
- TBT** Tabatinga
- TNT** Tonantins

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso aborda sobre a formação dos professores indígenas Kokama no contexto da educação escolar indígena e seus pressupostos legais vigentes, elucidando como ocorre o processo de ensino-aprendizagem na Escola Municipal Indígena ANTIRI AWANARI TSAMIA em Benjamin Constant-AM. Contextualiza a história do povo Kokama do Alto Solimões Tríplice-Fronteira e a implantação da escola em seus territórios, vale destacar que na escola a lócus hoje encontra-se reconhecida legalmente na modalidade indígena, objetivando a construção de processos educativos baseados na interculturalidade e educação diferenciada. Nossa hipótese de investigação aponta para as possíveis razões de dificuldades de implementação de políticas educacionais indígenas, de inclusão de componentes curriculares Kokama, de contratação de professores professoras bilíngue Kokama e a vitalização da cultura e língua Kokama na educação escolar indígena, como prevê a legislação. A metodologia da pesquisa baseia-se a linha da pesquisa fenomenológica, com abordagem qualitativa estruturados em estudo de caso da escola, foram coletados os dados através de pesquisas documental. As legislações vigentes agregam novos rumos para a educação escolar indígena, objetivando a construção de conhecimentos baseados nas especificidades e ensino bilíngue e da cultura do próprio povo Kokama. Os resultados percebidos até o momento, demonstram que o processo de ensino-aprendizagem da referida escola, não difere de outras escolas em suas realidades, suas necessidades e dificuldades. Os desafios centram-se na construção e efetivação de um projeto pedagógico diferenciado que articule os saberes da comunidade Kokama, embora existam muitos desafios a serem concretizados. A escola está em processo de construção, buscando assim a efetivação da escola que queremos, aquela que se desenvolva a partir de uma Pedagogia Kokama.

Palavras-chave: Formação dos Professores Indígena. Vitalização Cultural. Língua Kokama.

Kuatiaraka miminiukatika.

Ajanka kamatawara uchika Kurtso kumitsa uwakapu Prowetsurunu tapiy+anu Kukamie y+anukata ikun yumita ikuachiru tapiy+a riai ikuachiru ikun, tsani yumita- tseta ikuakuara Ikuachiru Ritamapura Tapiy+a Kukamie ANTIRI AWANARI TSAMIA ritamakuara Penjamin Kuntstanika-AM. Ikun imintsarapu tapiy+a Kukamie iwata tsurimue mutsapuruka-wrunteira riai ka ikuachiru territuriu ritamaka, kumitsa ikuachiru rukutshka ikun puraraka ikuachiru tapiy+a, tuata ukuarinkuara interkutararitati riai ikuatupa iruataka. Ini tsanata ikuachirutsui yaukitsen puritika ikuachirunu tapiy+a, itika kurikuru Kukamie, kuntratar Prowetsurunu mukuika-kumitsa riai kakiri kuturapu riai kumitsa kukamie na ikuachirupan ikuachiru tapiy+a umi rekra. Kamatatara ikuarinpu wenumenurukiku, eran iluachirua umipa ikuachiru kuatiaran. Nurma aipukatun putuka ipitsatsu pekuara ikuachiru y+umita mukuika-kumitsa riai kutura yanukata tapiy+a kukamie. kauki ikun, umi y+umita-tseta ikuakuara ikuachiru, tima y+umiratsupe ikuachurubu.. amatska riai pruyetu petakukiku ikua ritamakuara kukamie. Ikuachiru pupe, tsuwa eran ikuachiru tseta ini, aipa wepe Petakukia Kukamie.

Kumitsa-shawe: ikuarinpu Prowetsurunu mukuika-kumitsa. kakiri kuturapu. Kumitsa Kukamie.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPITULO I	14
1. BREVE HISTÓRICO DO POVO KOKAMA NO ALTO SOLIMÕES	14
1.1 A LUTA PELA CULTURA E A ORGANIZAÇÃO POLITICA KOKAMA	16
1.2 COMUNIDADE GUANABARA II (KUANAPARA MUKUIKA)	20
1.3 MEMÓRIAS DE UMA KOKAMA: OS APRENDIZADOS E DESAFIOS NA FORMAÇÃO ESCOLAR	23
1.3.1 Educação escolar: o processo de ensino aprendizagem no ensino básico	24
1.3.2 Os Anos Finais (Ensino Fundamental)	26
1.3.3 Ensino Médio	27
1.3.4 Os caminhos de uma Kokama ao Ensino Superior	28
CAPITULO II	35
2. AÇÃO CULTURAL E POLÍTICA DO POVO KOKAMA E O PROBLEMA DA PANDEMIA	35
2.1 OLIMPÍADAS INDÍGENA KOKAMA: SEGUNDA FESTA MILENAR	35
2.2 REIVINDICAÇÃO: TROCA DE COORDENADOR INDÍGENA	45
2.3 O POVO KOKAMA DIANTE DA PANDEMIA DA COVID-19.....	47
2.4 INDÍGENA NA PESQUISA: EXPERIÊNCIA DE PIBIC NA UNIVERSIDADE	49
2.5 INGRESSO DO PRIMEIRO PROFESSOR INDÍGENA KOKAMA NA ESCOLA DE GUANABARA II	50
CAPITULO III	56
3 PROPOSTAS EDUCATIVAS: INDICAÇÕES DE CAMINHOS PARA VITALIZAR A CULTURA INDIGENA KOKAMA NO ÂMBITO EDUCACIONAL	56
3.1 PROPOSTAS EDUCATIVAS: DO ENSAIO FOTOGRÁFICO	56
3.2 DO GRAFISMO INDÍGENA KOKAMA	60
3.3 MÚSICA, DANÇA, CULTURA	65
3.4 VOGAIS E ALFABETO KOKAMA	67
3.5 ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENA KOKAMA (AMIK).....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
APÊNDICE	77

INTRODUÇÃO

Esse trabalho visa fomentar sobre o desenvolvimento do ensino-aprendizagem e do trabalho de uma escola municipal indígena Kokama localizada em uma das comunidades indígenas, no município de Benjamin Constant-AM. Com base no estudo, busca-se encontrar alternativas que poderiam solucionar ou amenizar alguns problemas no aspecto da educação em questão. Embora, ao analisar a criação das escolas e as políticas de educação escolar indígena, os conflitos – como resultado do antagonismo entre diversos agentes, tais como o poder público local, núcleos familiares e legislação – são evidenciados.

A importância de se trabalhar o tema se manifestou ao presenciar as negligências que a referida comunidade sofria, há anos que veem lutando e reivindicando pelo reconhecimento da escola na modalidade indígena que eram impedidos pelo coordenador e professores (brancos) que atuavam na escola, os mesmos não respeitavam, não valorizavam a cultura, os costumes, não respeitavam as lideranças e população.

A preocupação em relação a educação escolar indígena, a cultura que se encontra em processo de vitalização, o futuro dos jovens e crianças em estudar e aprender suas línguas maternas através do processo de ensino-aprendizagem são reflexões constantes de lideranças, guardiões e guardiãs da memória e professores e professoras indígenas. Baseamo-nos em Paulo Freire (1981), Bartolomé (2006), Altaci Rubim (2016), Rivera Cusicanqui (2015), legislação nacional e internacional, diretrizes curriculares entre outros autores e autoras, pesquisadoras necessárias a análise e compreensão dos fenômenos que ora observamos. A proposta de trabalho seguirá a linha da pesquisa fenomenológica, com abordagem qualitativa, onde apresentará inicialmente um mapeamento teórico com enfoque na atuação da Educação Intercultural numa escola pública.

Diante dessas investigações reforça-se a necessidade de determinação a novas relações no ambiente escolar, levanto as seguintes questões: Qual o tipo de Educação ideal para suprir as necessidades dos

alunos no quesito educação indígena? Qual é a relação entre as participações da gestão e comunidade para mudar essa realidade que não está condizente com a educação esperada? E, para finalizar: Essas questões devem trazer novas contribuições sobre os conhecimentos tradicionais indígenas e a inserção de novos saberes nas práticas de ensino e na formação oferecida pelos gestores, bem como despertar o interesse individual de cada profissional envolvido nesse estudo.

Portanto, o objetivo do nosso trabalho é identificar a qualidade da formação do professor indígena Kokama e seu diferencial e sua contribuição na cultura e em consequência disso analisar quais são as decisões tomadas em relação ao reconhecimento da Escola Indígena em parte das lideranças, comunidade local e ao órgão público do município; Verificar o que está por trás dessas dificuldades na educação escolar indígena do povo Kokama e formação dos professores e professoras conhecer quais são os planejamentos dos professores Kokama na vitalização do ensino na língua materna. Para então, ter a possibilidade de interferir, positivamente, nesse processo político e pedagógico de modo há promover equidade e interculturalidade.

Nesse sentido, procuramos estabelecer a partir do conceito de memória coletiva e formação da identidade (SILVA, 2020) o trabalho de memória coletiva tão necessário para resistir a versões de extinção, inexistência e invisibilidade. Dividimos esse trabalho em três tempos simultâneos: memória do passado, memória atual e memória do futuro.

No primeiro capítulo nos dedicamos a desenvolver uma conexão fecunda entre trabalho de memória ancestral do povo Kokama no Alto Solimões e trabalho de memória da infância enquanto criança Kokama, através do memorial acadêmico e vida estudantil, como sujeito de direito e de fronteiras simbólicas entre dois mundos, o ocidental e o tradicional.

Já no segundo capítulo, a dedicação foi o trabalho de memória atual das lutas do povo Kokama, em meio a pandemia, por seus direitos a existência e identidade e uma educação escolar indígena identitária Kokama. Elegemos como trabalho de memória atual os acontecimentos e narrativas da luta – e luto em ocasião de tantas mortes pelo Covid-19 – do povo Kokama por educação escolar indígena bilíngue Kokama de dezembro de 2019 até o presente momento, maio de 2021.

O terceiro capítulo se desenvolve enquanto memória do futuro (SILVA, 2020), das expectativas de uma Pedagogia Kokama, capaz de superar o que nosso problema de pesquisa aponta: as dificuldades de se estabelecer uma educação escolar Kokama no Alto Solimões, município de Benjamin Constant-AM tem a ver com articulação necessária entre povo Kokama, poder público local e respeito à legislação vigente nacional e internacional. Nossa hipótese de investigação e confirmação é que tais dificuldades podem ser superadas quando os diversos poderes envolvidos se esforçam num diálogo intercultural que possa responder aos desafios de convivência multilíngue e plural como é o caso dos povos da floresta e da fronteira.

CAPITULO I

1. BREVE HISTÓRICO DO POVO KOKAMA NO ALTO SOLIMÕES

Os Kokama estão localizados nas comunidades ribeirinhas no rio Solimões. No município de Benjamin Constant-AM, o povo Kokama, em seus movimentos indígenas, e suas lideranças, brasileiros e peruanos, estão organizados no coletivo, que visa trabalhar, em suas reivindicações, a demarcação de terras, revitalização da língua materna na região, a saúde e a educação. Segundo Vieira (2018, s.p.), “considerados ‘extintos’ por alguns e totalmente ‘miscigenados’ por outros, o Povo Kokama reapareceu no cenário social fronteiriço do Alto Solimões nas últimas décadas”.

Quanto à origem do Povo Kokama, nos diz Rubim:

[...] habita a Amazônia brasileira, peruana e colombiana. Desde o século XVI, há registros desse povo por naturalistas, viajantes, antropólogos, linguistas, entre outros. Os registros relatam esse povo como cordial e excelentes pescadores, agricultores e caçadores. Os Kokama foram um dos primeiros povos a serem contactados, vistos que habitavam a beira dos rios (RUBIM, 2020, p. 4)

Esse movimento tradicional do Povo Kokama pela tríplice fronteira, de que nos fala Rubim, já havia sido registrado também por Freitas¹ (FUNAI, 2012):

As primeiras referências aos Kokama, fornecidos por exploradores e missionários nos séculos XVI e XVII, situam os seus principais assentamentos no médio e baixo Ucayali, afluente do Amazonas peruano. No século seguinte, os Kokama faziam parte da heterogênea população indígena que habitava a missão de Joaquim dos Omáguas, estabelecido no baixo Ucayali. Em 1854, eles voltam a ser citados na cidade de Nauta, também localizado no baixo curso deste rio. Neste mesmo ano, são localizados no alto rio Purus, cabeceiras com o médio Ucayali (FUNAI, 2012, p.20)

No século XVII os bandeirantes começavam a confrontar com os nossos Guerreiros, que pararam de fazer o trajeto circulatório, permanecendo, boa parte da população Kokama, somente no lado Peruano, com medo da Guerra falada por nossos oráculos, falados segundo nossos historiadores e

¹ Informação retirada do Relatório Circunstanciado de identificação e delimitação da terra indígena Acapuri de Cima, uma das terras indígenas tradicionalmente ocupadas pelo Povo Kokama. O relatório é assinado pelo antropólogo Marco Antônio Braga de Freitas.

ancião. Com a divisão das fronteiras nacionais as famílias Kokama ficaram separadas, grande parte permanecendo onde hoje é o Peru, uma pequena parte onde hoje pertence à Colômbia e uma parcela onde hoje é o Brasil. Antigamente os Kokama eram povos guerreiros que enfrentavam guerras com os invasores, mas os líderes do passado pediram a trégua e solicitaram que os Kokama pudessem manter contato pacífico com os invasores para evitar as mortes. (Documentação fornecido das organização OGCCIPK E Federação TWRK -2019).

Dados do IBGE (2021) apontam uma população de onze mil duzentos e setenta e quatro, indígenas Kokama em território brasileiro. No Peru, segundo a Base de Dato de Pueblo Indígenas Originários (BDPI), que cita o censo nacional de 2017 naquele país (INEI, 2017), o número de pessoas autodeclaradas Kokama (kukama kukamiria) é de dez mil setecentos e noventa e dois, embora o número de pessoas que habitam comunidades Kokama seja muito maior: trinta sete mil e cinquenta três. O número de falantes da língua autodeclarados é de um mil cento e oitenta e cinco. Já na Colômbia, segundo o Censo de 2018 (CNPV, 2018), publicado pelo Departamento Administrativo Nacional de Estadística (DANE), o número de pessoas Kokama (cocama) é de trinta dois mil e vinte um (eram 2204 em 2005).

No século XVI, quando nossas terras foram invadidas pelos europeus, existiam muitas etnias, muitas que compartilhavam a língua Tupi.

A língua Kokama, considerada de origem Tupi, possui características que a ligam historicamente à língua tupinambá, que, segundo Cabral (apud SANTOS, 2015), teria originado, no contato com o colonizador e com outras línguas indígenas, a língua geral (nheengatu) e o Kokama/omágua. Santos (2015) diferencia essas duas últimas línguas, e relaciona a língua Kokama também ao quéchua, ao espanhol, ao português e ao aruak.²

Às missões religiosas falavam que a língua Kokama era uma língua do diabo, os Kokama não entendiam essa lógica e falavam a língua escondidas e muitos deixaram de ensinar sua língua a materna aos seus filhos. Segundo as

²A “crioulização” da língua Kokama, ou seja, sua constante transformação no contato com outras línguas, faz parte do processo de etnogênese do Povo Kokama, de sua resistência histórica à aculturação e de seu renascimento cultural e político, que ocorre atualmente. Também a defesa da língua Kokama na forma como o povo e suas lideranças consideram como legítima faz parte da luta política pela afirmação da sua cultura como cultura específica.

(Documentação fornecido das organização OGCCIPK E Federação TWRK-2019)

Souza (2018), antropólogo indígena Kokama, afirma que:

Proibir as nossas culturas era um dos métodos que os missionários utilizavam para acabar com a cultura do povo. Diziam que alguns rituais não eram do Deus deles e que era pecado, e também atacaram a língua. Por esse motivo se criou uma imagem distorcida dos Kokama e lhes foi negada sua existência como povo indígena. (SOUZA, 2018, p.23)

Segundo Souza (2018) afirma que há registros da história do povo Kokama realizados por cronistas, viajantes desde o século XVI. Várias fontes documentais retratam a história do contato deste povo com os colonizadores. Fatos ocorridos neste período são mencionados por pesquisadores que trabalham com este povo tanto no Brasil, quanto na Colômbia e Peru. Que todos possui os trabalhos dos pesquisadores brasileiros, Cabral (1995); Freitas (2002); Ramos (2004); Viegas (2010) e Almeida e Rubim (2012); do colombiano González (1999) e, no Peru, Ochoa (2002), Rivas (2003), Vallejo (2010) entre outros. Todos os autores ressaltam a história do contato dos colonizadores com as populações indígenas da Amazônia peruana, colombiana e brasileira, principalmente sobre o povo Kokama.

Desde então, houve o desaparecimento da nossa língua materna, cultura do povo kokama no alto Solimões, como afirma o antropólogo indígena kokama Souza 2018. Nossos anciões foram obrigados a se calar, em muitas aldeias da região, hoje, há essas missões que chamamos de “Evangelificação” em partes de missionários estrangeiros que agregam em muitas aldeias indígenas. No entanto, por esse motivo a língua materna do povo kokama encontra-se ameaçados em perigo de extinção.

1.1 A LUTA PELA CULTURA E A ORGANIZAÇÃO POLITICA KOKAMA

Essa parte do trabalho se baseia, em parte, no texto de Maurício Souza, *Ritama Yamimim Katupe: Os Kokama de Sapotal*, apresentado como trabalho de conclusão de curso de graduação em Ciências Sociais ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília-UnB em 2018.

Segundo nos conta Maurício Souza, “na década de 90, os Kokama criaram uma organização chamada COIAMA – Coordenação de Apoio aos Índios Kokama” (SOUZA, 2018, p. 35), tendo entre eles o Kokama Francisco Guerra Samias, hoje já falecido, com ajuda de algumas pessoas - políticos de Manaus, sendo a função dada a dessas pessoas a de “procurar aldeias indígenas que precisavam de apoios” (idem, p.35).

A história da criação da Coordenação mostra um senhor conhecido como Cajueiro, que trabalhava na prefeitura de Tabatinga, que se aliou com o professor Jair Guerra Samias – ambos, ao descobrirem um no outro a origem Kokama, iniciaram a mobilização em apoio aos Kokama no município, com o professor Jair Samias atuando na educação da etnia Kokama. A partir de então começou um longo relacionamento com a família Samias, da aldeia Kokama de Sapotal. O professor Jair conversou com seu irmão Francisco, que era o mais velho que possuía um conhecimento mais desenvolvido sobre o seu povo. Francisco viajou até Manaus e, através de conversas, “vislumbraram vantagens” (SOUZA, 2018, p. 35) para os Kokama em fundar a COIAMA - Coordenação de Apoio aos Índios Kokama do Amazonas. “Através de Assembleia a aldeia aceitou a organização, que era representada por Francisco Guerra Samias, Cristovão Macedo Moçambite, Eladio Rodrigues Curico, Elivaldo da Silva Souza e Jacó Castilho Curico” (idem, p. 35), a que se juntaram Luiz Cordeiro Samias, Jair Guerra Samias, Humberto Guerra Samias, Sebastião Castilho e Carlos Guerra Silvano, todos da aldeia de Sapotal e Jutimã, de Tabatinga, assim também acompanhando lideranças das aldeias Kokama dos municípios do Alto Solimões.

Segundo Souza (2018), nos três primeiros anos foi muito vantajoso, começaram a lutar para organizar o povo e havia muita liberdade para trabalhar, mas a partir do quarto ano começaram a surgir divergência entre políticos e indígenas, e então Francisco Guerra Samias, Cristóvão Macedo Moçambite e Eladio Rodrigues Curico, se afastaram da COIAMA. O maior conflito, segundo Francisco, era a intenção das pessoas de Manaus em escolher as lideranças das aldeias e isso acabava criando desavenças e divergências internas na aldeia. Francisco, Eladio e Cristóvão não queriam interferir no trabalho de seus parentes e acreditavam na melhoria das

condições de vida do povo. Após seu afastamento, no entanto, a situação foi inversa: do trabalho não surgiram resultados e a aldeia foi piorando.

Essa situação fez com que as lideranças se organizassem por si mesmas. Depois de várias discussões, nas comunidades Kokama de Barreirinha e Sapotal, criaram a OGCCIPK – Organização Geral dos Caciques das Comunidades Indígenas do Povo Kokama, fundada em 11 de Fevereiro de 2001. (SOUZA, 2018, p. 36)

Esta Organização foi criada na aldeia de Sapotal. O professor Francisco Guerra Samias foi o articulador e assessor técnico da Assembleia Geral das comunidades Kokama do Alto Solimões, realizada na aldeia de Sapotal, em Fevereiro de 2001, para dar origem à criação da Organização Geral do Povo Kokama.

A organização teve como presidente Cristóvão Macedo Moçambite, da aldeia de Barreirinha, hoje falecido, que trabalhou na frente da organização por um período de 5 anos; passando depois a ser sucedido na presidência por Francisco Guerra Samias, hoje também falecido, que esteve à frente do movimento por um período de 6 anos; ocupa a presidência atualmente o Kokama Eladio Rodrigues Curico, de Sapotal, eleito através de uma assembleia geral em Sapotal no ano de 2013, tendo como equipe gestora o Vice-Presidente Aldemir Reis da Silva, do Município de Tonantins, e o Secretário geral Eldson Panduro Mauricio, do Município de São Paulo de Olivença, continuando sempre como objetivos principais o resgate cultural e a demarcação de suas terras, assim como o direito a acesso a programas diferenciados de educação e saúde.

Ressalto que, em relação aos falecimentos de nossos anciãos, foram por problemas de saúde, há muito tempo atrás, que não foram vítimas da pandemia do COVID-19 que hoje vive o mundo nesses tempos.

Cardoso de Oliveira (2006) destaca essa força e a importância das lideranças:

O movimento indígena se encarregou de dar ao índio o auto respeito que faltava e o fez a partir da ação de lideranças e Organizações indígenas, apoiadas por diversas entidades, que vêm assumindo ao longo das décadas um protagonismo sociopolítico típico dessa tomada de consciência que caracteriza a luta social e evidencia a resistência coletiva como expressividade dos movimentos sociais.(CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p.53)

Hoje o povo Kokama no Alto Solimões e tríplice-fronteira /Brasil/Peru/Colômbia, está direcionadas às organizações, com destaque para a OGCCIPK (Organização Geral dos Caciques das Comunidades Indígenas do Povo Kokama), liderado pelo líder Eládio Curico e todos os caciques e lideranças do Alto Solimões; a Federação TWRK (Tapiya weteratsun ritamakuara kukami) liderada pelo atual patriarca, sucessor de Francisco Guerras Samias (primeira liderança do povo Kokama, que deu início ao movimento indígena Kokama), o Sr. Edney da Cunha Samias. O patriarcado deu-se início após o falecimento de Francisco Guerra Samias, que deixou sua nova organização na Federação Kukami Kukamiria do povo kokama no alto Solimões, que visam trabalhar juntos ao povo kokama da tríplice-fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia.

Voltando para nosso município de Benjamin Constant-AM, as aldeias indígenas Kokama estão mobilizadas e organizadas no desempenho e trabalho juntamente com as lideranças, comunitários, jovens e crianças, professores e sua organização dos professores indígenas pela educação Kokama de Benjamin Constant. Organização essa que foi criada no dia 13 de abril de 2019 com o objetivo de lutar, reivindicar pelo reconhecimento das escolas indígenas, contratação de professores bilíngues. Pelo fato da desvalorização, em parte, do poder público do município, nós, povo Kokama temos nos mobilizado por nossos direitos, com o intuito de resgatar nossas origens, cultura, costumes e nossa língua materna, que está praticamente extinta, através da educação.

Os movimentos e lideranças vem ganhando destaque, juntos conseguem facilitar o trabalho de luta pelo respeito dentro da sociedade em que ambos convivem, pois na realidade, principalmente para nós indígenas da etnia Kokama, está difícil e nunca foi fácil de conviver com os ataques e discriminação por parte do poder público, até mesmo de nossos parentes Tikuna, por não dominarmos e falarmos nossa língua materna 100%.

No alto Solimões essas organizações, como, a Organização Geral dos caciques das comunidades indígenas do povo kokama, Federação kukami kukamiria, Organização dos professores pela educação kokama, estão mobilizados para lutar em defesa do povo kokama, educação e saúde. Seus desafios são de reivindicar pelos direitos do povo kokama, enfrentando o poder

público e legislativo, cobrar esses direitos que muitas das vezes são negados. Assim, conquistando aos poucos, a demarcação de terra e reconhecimento das escolas indígenas no alto e médio Solimões.

1.2 COMUNIDADE GUANABARA II (KUANAPARA MUKUIKA)

No dia 30 de maio de 1972 foi fundada a comunidade de Guanabara II (Kuanapara Mukuika na língua materna). Com a presença dos dez primeiros moradores desta aldeia, reuniram-se para divulgar a doação do terreno pelo Sr. Julho Coelho, e criaram a primeira diretoria da igreja “Santa Cruz” ou “Cruzada”, religião que os mesmos seguiam.

Foi constituída, segundo a documentação e ata da aldeia, os primeiros líderes, firmando assim:

CARGO	INTEGRANTE
Presidente	José Cavalcante
Primeiro Secretário	Fidel Cahuasa Mapiama
Segundo Secretário	Rodrigues Ramires
Tesoureiro	Manoel dos Santos
Diretor	João Curico
Capitão	Silva Pedrosa
Fiscal	Flávio Pacaia
Porta voz	André Januário

Fonte: Ata da comunidade de Guanabara II, 30 de Maio de 1973.

Vale ressaltar que naquela época a aldeia, era constituída majoritariamente por pessoas consideradas “branca”, passou a ser reconhecida como indígena logo após do descobrimento de uma família indígena, do Sr. André Januário Samias. Desde então, formou-se outra diretoria – já da aldeia e não somente da igreja – assim colocando-se o Sr. André como primeiro cacique, pelo fato de ser falante da língua Kokama, o Sr. Fidel Cahuasa como vice-cacique.

A aldeia iniciou sua reivindicação ao reconhecimento de sua terra no período de junho a julho de 2003, no período que a antropóloga Priscila Matta

esteve na região realizando levantamentos e documentação das comunidades indígena Kokama e Tikuna. Mas, somente após dez anos a aldeia passou a ser reconhecida legalmente como terra indígena, pela portaria nº 1.704, de 19 de abril de 2013, segundo a documentação, afirmada pelo Sr. Fidel Cahuasa Mapiama, já então cacique da referida aldeia.

Segundo as lideranças e moradores da aldeia houve um tempo que os parentes vizinhos Tikuna queriam tomar suas terras, por que diziam que eles não eram (índios), que eram índios falsos por não falarem sua língua materna. Mas que, felizmente, quando isso aconteceu a comunidade já havia sido reconhecida como indígena Kokama.

Os Kokama, segundo Souza (2018)

Eram vistos pelos tikuna como ribeirinhos ou populações rurais, pois os próprios parentes se auto afirmavam serem os únicos indígenas na região por falarem a sua língua, que é a língua tikuna. Mas a nossa luta não era brigar entre indígenas, pois os parentes tikuna pouco sabiam da nossa história, o que passamos para não estarmos falando a nossa língua materna, tendo apenas alguns anciãos que falavam a língua Kokama. A nossa luta era que prevalecesse o direito à terra por nós ocupada desde muito tempo. (SOUZA, 2018, p.20)

Neste período, havia bastante esses conflitos interétnico, a violação em parte dos parentes Tikunas como afirma o autor. Esses conflito territorial são considerados desafios, fortes entre valores e deveres, que permitem várias discórdia até encontrar o caminho certo, a decisão e acordo entre os povos.

Desde 1972 até os dias atuais algumas famílias ainda possuem e seguem a religião na aldeia – incluindo minha família, meus pais e irmãos – fundada pelo pastor José Francisco da Cruz, igreja católica apostólica evangélica. Seus seguidores costumam usar vestidos longos, véus, e uma cruz no peito que simboliza a missão que seguem. A relação entre a religião e cultura na aldeia, acontece em relação há algumas proibição segundo a doutrina da igreja, como por exemplo, quem a seguem não pode dançar a dança cultural porquê considera-se pecado.

Sebastião afirma que:

A irmandade da santa cruz é uma religião rígida, cumpria com seus ensinamentos e doutrinas levando assim o crescimento da comunidade e interação com outras comunidades vizinhas através das festas realizadas pelas lideranças dos membros da igreja. E esses eventos são levados até hoje pelos mesmos com muita responsabilidade, respeito e muita Fé pelos devotos da santa cruz.(SEBASTIÃO, 2020, p. 22)

A figura 1 e imagem abaixo mostra a igreja situada na comunidade e sua congregação.



Figura 1. Igreja da santa Cruz e seus seguidores **Fonte:** Tatiana Samias 2019.

A primeira foto acima representa a celebração de aniversário da igreja na comunidade de Guanabara II. Seus seguidores de joelhos saudando a santa cruz ou árvore da vida como denominam, em respeito ao padroeiro, minutos antes da saída da procissão realizado em toda a aldeia, essas procissão significa a benção, paz, livramento, fartura que ficará para o ano todo na aldeia.



Figura 2. Construção da igreja atual. **Fonte:** Tatiana Samias 2021

A segunda imagem retrata a construção da nova igreja, que hoje está em andamento. Destaca-se que em meio aos povos indígenas Kokama essa religião se faz presente na maior parte, não somente nas comunidades do município de Benjamin Constant-AM, como também nas demais, tanto no Peru quanto na Colômbia.

Neste aspecto em relação ao meu ponto de vista, aos conflitos entre religião e cultura na referida aldeia, estão entre as doutrinas que a referida religião disponibiliza, como por exemplo, quem seguem não podem participar dos rituais, das danças porquê são pecados, e proibidos, assim causando danos a respeito da cultura do povo kokama da aldeia. Nesta perspectiva considero esta questão prejudicial em relação a vitalização da língua e cultura.

1.3 MEMÓRIAS DE UMA KOKAMA: OS APRENDIZADOS E DESAFIOS NA FORMAÇÃO ESCOLAR

A audácia de escrever sobre minha trajetória como discente universitária me exigiu uma ação bastante complexa de rememorar todos os momentos, as etapas de mim mesma em relação ao processo de formação educativa, que levaram a refletir sobre a minha trajetória de vida.

Eu, Tatiana Samias Mapiama, nasci no dia 30 de Janeiro de 1997, atualmente com 24 anos de idade. Sou da comunidade Indígena de Guanabara II, pertencente ao município de Benjamim Constant-AM. Filha de Zuleide

Curintima Samias e Fidel Cahuasa Mapiama, tenho oito irmãos e neta dos avós maternos Angélica Huani Curintima e André Januário Samias, avós paternos Célia Cahuasa e Manoel Mapiama.

Fui criada no seio de uma família amorosa, cujos valores mais importantes eram o respeito ao próximo, generosidade e a honestidade. Uma família bastante humilde, guerreira, religiosa, rica em tradições relacionadas à etnia Kokama, uma mescla de diferentes nacionalidades do Brasil, Peru e Colômbia. Nasci na religião ordem Cruzada Católica Apostólica Evangélica, denominada como Santa Cruz ou Cruzada, que desde o início e até os dias atuais se faz presente na referida comunidade.

Em minha culturalidade então, brincava de confeccionar pulseirinhas com folhas e palheiras de coco, de pescaria, e estudava com crianças de vizinhos da etnia kokama, venho de um aprendizado de uma educação escolar indígena e diferenciada. Nesses aspectos considero o meu processo de ensino tradicional, por que eram sempre seguidos das doutrinas que eram expostas por pastores da igreja e que deveriam ser seguidos, e meus pais influenciavam bastante na família.

A minha infância foi bastante rigorosa, rica em especificidade do processo educativo, por que através dela passei a adquirir uns certos conhecimentos da educação escolar indígena Kokama voltada aos nossos costumes. Assim, desde cedo aprendi a não julgar ninguém por suas condições sociais, religião e origem étnica.

Minhas participações na igreja agregavam em relação a obediência, não podia fazer coisas que eram considerados proibidas, como dançar, e jogo de bolas. Poderia somente mim pintar e participar das programações, assistir a dança cultural realizado na maloca da aldeia, isto é, quando estava congregada na igreja. A educação em casa e na família predominava de acordo da igreja, baseadas na obediência, não poderia fazer algo que era proibida na igreja.

1.3.1 Educação escolar: o processo de ensino aprendizagem no ensino básico

Nesta etapa de ensino iniciei minha trajetória no espaço educativo no Pré-I, com cinco anos de idade, em 2003, na comunidade de Guanabara II,

localizada à margem esquerda do Alto Solimões, tendo o professor Idelson Moreira como o meu primeiro educador, onde tudo iniciou. Lembro-me que finalizei o ano letivo aprovada. Nesta época como já havia citado a aldeia não havia reconhecida como indígena, mas que a cultura já se fazia presente com os comunitários e caciques, as metodologias ofertado nesse período eram normal de acordo as normas ofertado pela SEMED, e que não estava de acordo com a cultura kokama.

O segundo ano ou série, como era chamado naquela época, cursei com seis aninhos, em 2004, com a queridíssima professora Eliana de Lima Pontes, uma professora exemplar, que não media esforços para nos ensinar, generosa, atenciosa e muita dedicada, assim finalizando o ano letivo e aprovada.

Terceiro ano cursei com sete anos, em 2005, na mesma escola de Guanabara II, com a professora Lúcia Maria Lopes indígena da etnia kokama, minha tia uma professora muito dinâmica. Nesta época também a escola não havia sido reconhecido indígena, estava no início do processo, o método de ensino eram de acordo com que a SEMED disponibilizava, e não eram de acordo com nossa cultura kokama. O interessante é que suas aulas eram voltadas todas para nossa realidade, o convívio que tínhamos e vivíamos relacionado ao meio rural. Por fim, finalizei o ano aprovada.

O quarto ano cursei com oito e nove anos de idade, em 2006 e 2007, que foram anos muito complicados, por que naquela época eu fui diagnosticada como anêmica. Eram muito difíceis para frequentar a escola por causa dos tratamentos nos hospitais. A primeira professora, em 2006, foi a professora Francisca Tamayo, dinâmica, responsável, amorosa, terminei o ano reprovada.

Em 2007 cursei novamente a quarta série, com nove anos de idade, com a professora Maria José Silva Teixeira. Sua área e especialidade era a Língua Portuguesa, mas também estudávamos com um aprendizado multidisciplinar. Neste período ainda não sabia ler corretamente, apenas sabia soletrar, foi com esta professora que passei a ler corretamente. Em seguida participei de um simulado, em que fui aprovada em primeiro lugar. Desta maneira finalizei o ano aprovada para o quinto ano do ensino fundamental.

Durante os meus percursos nesta etapa, apesar de ser uma aluna muito prestativa, atenciosa, dedicada em relação aos conteúdos e comportamentos na escola, sofri bastante com o *bullying* por parte dos colegas da minha sala, pelo fato dos meus avós e minha família serem peruanos e da igreja cruzada. Como são vistos com roupas e vestidos, véus longos, até me furaram com o lápis chamavam-me de “Peruana, burra, feia”. Tagnetta afirma que:

[...] Quem sofre bullying tem uma grave alteração na estima que tem de si mesmo, ou valor que se atribui tanto para baixa-estima como para alta, como a não reconhecer em si um valor ou que os outros também precisam ser valorizados. A grande diferença de entre o bullying e um conflito normal ou cotidiano, é que o primeiro seria um conflito somado a agressão, o que o torna doloroso demais e por isso a seriedade do assunto. Quem agride – o agressor – e quem sofre a agressão estão envolvidos neste embate e na maioria das vezes, um dos grandes envolvidos cujas perdas são mais sentidas é quem sofre o bullying, visto que se sente perseguido, humilhado e intimidado (TOGNETTA, 2005, p.4).

Diante deste caos, jamais abaixei a cabeça, e seguir meus estudos, que era o único compromisso que tinha, com bastante força, mesmo com uma grande tristeza, choro, mas com orgulho de ser o que era e sou. O lado ruim desta humilhação era que eu não tinha coragem de falar para os meus pais o que acontecia comigo na escola, nem a professora sabia. Estava com medo deles, faziam ameaçavam que se eu contasse eles poderiam me bater.

Não sabia qual era o meu erro e o porquê eles me tratavam dessa forma, em casa e na igreja era uma ótima pessoa, amada por todos pelo fato de ser esperta e participativa.

1.3.2 Os Anos Finais (Ensino Fundamental)

Iniciando o segundo ciclo do ensino Fundamental com 10 anos de idade, em 2008, na escola municipal de Guanabara II, na quinta série, tive colegas de diversas classes sociais e origens, como peruanos, colombianos e indígenas, como um dos meus professores, Alexandre, de Língua Portuguesa. Foi bastante proveitoso e pude concluir o ano letivo aprovada.

Em 2009 iniciei a sexta série com 11 anos de idade. Neste ano um dos meus professores, com quem identifiquei e amava as aulas, foi o professor

Robson, da disciplina – ou matéria, como chamavam nesse período – de Geografia. Aprendi muito com suas metodologias de ensino e finalizei o ano aprovada. Com 12 anos de idade iniciei sétima série, em 2010, na referida escola de Guanabara II, tendo como professora, excelente, que até hoje me identifico com ela, professora Girles da Silva Palheta, que lecionava a disciplina de Ciência e Geografia. Nesse período finalizei o ano aprovada.

Na Oitava Série, último ano do ensino fundamental, conclui com 13 anos de idade, na mesma escola. Aproveitei o máximo que pude no ensino. Me identificava com o professor de matemática José Francisco Melo Campos. No começo da etapa do ensino fundamental não gostava de matemática, comecei a gostar no último bimestre do ano letivo, tanto que finalizei como a melhor aluna do ano da disciplina de matemática. Conclui com um aprendizado satisfatório e com a colação de grau, juntos aos meus colegas, familiares e professores.

1.3.3 Ensino Médio

Em 2012, com quatorze anos de idade, iniciei mais uma etapa de ensino no nível médio, na comunidade indígena de Porto Espiritual, na Escola Estadual Cacique Manoel Florentino Mecuracü na referida comunidade. Cursando o primeiro ano finalizei o ano aprovada. Com quinze anos, em 2013, cursei o segundo ano. Uma das minhas dificuldades enfrentadas eram as disciplinas. Pelo fato de ser uma escola indígena éramos obrigadas a estudar a matéria de língua Tikuna. Não só eu, mas também todos os alunos de outros polos que não eram indígenas. Ressalto que essa problemáticas são de não saber, conhecer as grafias indígena Tikuna, não estou negando minha origem. Assim finalizei aprovada.

Em relação às infraestruturas no ambiente escolar, na verdade neste polo não havia uma escola padronizada para estudarmos. A escola era apenas um centro comunitário bastante destruído, cercado com compensados, usados para dividir e identificar as três salas do primeiro, segundo e terceiro ano. No período de inverno, quando estávamos estudando caia chuvas e molhávamos todos.

O transporte escolar era bastante inadequado para transportar os alunos até a escola, a distância da comunidade que vivíamos era em torno de trinta minutos, não garantia a segurança dos alunos, não havia coletes salvavidas, às toldas eram apenas de lonas muito finas, que quando chovia molhávamos todos, assim prejudicando nossa saúde e danificando nossos materiais escolares. Muitas das vezes pegávamos tempestades no rio e ficávamos aflitos, chegando em casa todos molhados.

Aos 15 anos, em 2014, cursei o terceiro ano. Lembro-me que aproveitei o suficiente às metodologias dos professores, minha disciplina preferida era de física, ministrada pelo professor Sebastiao Castilho. Neste ano fui eleita como representante de turma, uma das minhas experiências que foi bastante importante, através dela diagnostiquei a importância de sermos responsáveis e de trabalharmos em equipe para termos sucesso. Trabalhar individualmente não nos leva a lugar nenhum. Ao contrário, trazem graves consequências e fracassos no trabalho e planejamentos.

Por fim, dia 18 de dezembro de 2014 conclui o ensino médio, com a colação de grau. Apesar das dificuldades conseguir mim formar como oradora e organizadora da festa, juntamente com o professor Ernane Nascimento de Souza e os demais professores, colegas e familiares. Logo após ter concluído o terceiro ano fiquei parada durante um ano sem estudar, em 2015, porém cursando cursos técnicos como informática básica e avançada.

1.3.4 Os caminhos de uma Kokama ao Ensino Superior

Para me, chegar até o ensino superior, hoje, confesso que foi um sacrifício, não queria mais estudar. Tanto que, por causa da minha mãe e meu professor Ernane Nascimento de Souza, que acreditava no meu potencial, segundo ele me inscreveram escondidos e escolheram o curso de Pedagogia. Ficam aqui todos meus sinceros agradecimentos a estes dois anjos que Deus enviou na minha vida para fazer diferença, e hoje, com muita gratidão, estou satisfeita e feliz neste curso, com muitas emoções, amor e carinho.

Assim realizei a prova no macro verão e fui aprovada para cursar o curso de Pedagogia na Universidade Federal do Amazonas / UFAM. Destaco que neste momento a vitória de uma luta e resistência do povo kokama se

concretiza, no ingresso, visibilidade na universidade. No início foi bastante preocupante em relação a minha vinda para o município, não tinha onde morar, mas minha mãe, como sempre dedicada, encontrou uma casa dos meus parentes, tia, tio e primos da família Samias, a eles sou eternamente grata por cederam um espaço de sua casa. Meu primo Adão, Missilene, Gracilene e Luciane Samias, que cedeu seu quarto, onde permaneci durante dois anos. Sou muita grata à minha família, que tenho orgulho por sermos uma família muito unida e que sempre estamos apoiando um a outro.

Minhas dificuldades foram nos primeiros meses: além de não conhecer muito Benjamin Constant, eu não tinha o hábito do convívio na cidade. Lembrome que chorava bastante, querendo voltar para minha casa, para minha família, não conhecia ninguém, tampouco amigos. Para acostumar-me na cidade foi um sacrifício. Sou grata a Deus por que nunca passei dificuldades financeiras, somente problemas de saúde: naquele período estava em tratamento contra a anemia, que afetou um pouco no início dos meus estudos.

Em janeiro de 2016, iniciei mais uma etapa de ensino e aprendizado, como ingressante na universidade cursei as seguintes disciplinas: introdução à Filosofia, Metodologia do Estudo e da Pesquisa, Psicologia Geral, Sociologia Geral, Introdução à Pedagogia, sendo aprovada em todas. Foi quando comecei a ter uma noção dos significados presentes no curso, e um dos aprendizados que me marcou foram os pilares da educação que são: aprender a conviver, aprender a ser, aprender a fazer e aprender a conhecer (DELORS, 2003). Em relação a este pilares, me impactou bastante, não tinha conhecimento disto, totalmente fora do padrão da minha convivência.

No ano de 2016 cursei as seguintes disciplinas: Introdução à Antropologia, Língua portuguesa I, Psicologia da Educação e Desenvolvimento, Prática da Pesquisa Pedagógica I, Filosofia da Educação. Deu-se início às explicações sobre as pesquisas, como bibliográfica, extensão, científica e de campo, com a professora Doutora Antônia da Silva Rodrigues, e a escolha do tema do projeto de prática: iniciei com o tema “As drogas Lícitas e Ilícitas nas comunidades indígenas, presentes na educação”. Finalizei o período aprovada.

Essas disciplinas me contribuíram bastante, porquê através deles passei a ter um novo olhar relacionados aos meus costumes, as vivências dos

povos indígenas ao meio rural. Aprendi a diferença entre essas duas educação não indígena e indígena.

Segundo semestres de 2016 cursei as disciplinas de informática básica, Língua Portuguesa II, Sociologia da Educação, História da Educação, Fundamentos da Educação Ambiental, Prática da Pesquisa Pedagógica II, Psicologia da Aprendizagem. A partir desse período, o tema do projeto era bastante complexo, decidimos junto com a orientadora Antônia Rodrigues da Silva mudarmos de tema, pelo fato da pesquisa abranger diversas áreas de conhecimento, não só das comunidades indígenas, como também não indígenas. Deste modo foi alterado para o tema “As dificuldades do ensino de Leitura no processo de ensino e aprendizado”. Concluir o período aprovada.

No primeiro semestre de 2017, cursando Saberes Tradicionais, Novas Tecnologias da Informação/Comunicação, História e Legislação Educacional, Didática I, Prática de Pesquisa Pedagógica III, Princípios e Métodos da Educação Infantil I, tive o privilégio de estudar com a professora Dra. Francisnaine, bastante qualificada. A mesma aproveitava às provocações, participações, tanto minhas como dos meus colegas, deixando suas aulas interessantes, prazerosas e participativas. Com a mudança de orientadora houve a mudança novamente em relação ao tema do projeto de prática, dando a continuidade com a professora Alciana Ferreira com o tema “O ensino da língua portuguesa em uma escola municipal na comunidade de Guanabara II no município de Benjamin Constant”.

Segundo semestre de 2017 cursando às disciplinas de História da Educação, Didática II, Psicomotricidade e Recreação na Educação nos Anos Iniciais, Fundamentos da Educação Especial, Artes na educação Infantil e Anos Iniciais, Prática da Pesquisa Pedagógica IV, e Princípios e métodos da educação Infantil II. Neste período, por problema de saúde, diagnosticada com cisto e com problemas de frequência, reprovei em duas disciplinas: Princípios e métodos da Educação Infantil II e Artes na Educação Infantil e Anos Iniciais. No curso de férias do segundo semestres de 2017 cursei duas disciplinas: Fundamentos da Matemática e Estatística e Educação de Jovens e Adultos.

No primeiro semestre de 2018, cursando Libras, Política Educacional e Organização do Ensino Básico, Escola Currículo e Cultura, Prática da Pesquisa Pedagógica V, Literatura Infantil, Metodologia da Matemática nos Anos Iniciais

e Gestão Democrática do Trabalho Pedagógico, pude aproveitar o suficiente com a professora Francisnaine, que me levou a campo para pesquisar sobre o trabalho pedagógico do gestor da escola Indígena Ebenezer, situada na comunidade de Filadélfia, que foi de extrema importância para ter um conhecimento relacionado à gestão da escola. Na prática V executei a coleta de dados, o diagnóstico das dificuldades na referida escola e finalizei com as apresentações dos resultados na sala de aula para minha orientadora e colegas.

Segundo semestre de 2018, pelo fato de ter que pagar as disciplinas Princípios e Métodos da Educação Infantil II e Artes na Educação Infantil e Anos Iniciais não pude estudar as disciplinas de Metodologia da Língua Portuguesa nos Anos Iniciais e Estágio Supervisionado na Gestão Educacional, somente cursei Avaliação Educacional e Institucional e Docência, Gestão e Relações Humanas. Finalizei todas essas disciplinas com uma aprendizagem satisfatória e aprovada. Concluí a disciplina de Educação, Cultura Identidades Étnicas e a optativa que foi ofertada Educação, Cinema e Áudios Visuais.

No primeiro semestre de 2019, no período ideal, cursei as seguintes disciplinas: Metodologia da História e Geografia nos Anos Iniciais, Metodologia das Ciências nos Anos Iniciais, e Estágio Supervisionado na Educação Infantil. Identifiquei os planos de aula aptos para serem trabalhados os métodos, tanto na educação infantil quanto nos anos iniciais, na disciplina de Ciências. De acordo com as metodologias analisei os materiais que podem ser trabalhados de forma simples e reaproveitarmos os materiais didáticos para crianças dos anos iniciais. Quanto ao estágio foi bastante cansativo, mas muito produtivo, porque através dele pudemos nos dar as oportunidades de vivenciarmos as metodologias, conteúdos, a relação entre professor e alunos, as problemáticas na Educação Infantil que serão eficazes em nossa formação e enquanto atuarmos no ensino.

Participei de vários eventos que foram essenciais, como a semana da Pedagogia, em que participei como umas das organizadoras do evento; e o Primeiro Encontro Internacional sobre Criança e Infância na Contemporaneidade, também como umas das organizadoras do evento. Participei também da residência pedagógica, que visa a permanência dos

residentes para garantirem experiência dentro de sala de aula, com duração de um ano e três meses.

Através da residência pude vivenciar os conhecimentos e aprendizagens na Educação Infantil na Escola Municipal Professora Sofia Barbosa, localizada no bairro de Bom Jardim, em Benjamin Constant-AM. Também contribuimos bastantes com as atividades relacionadas às coordenações motoras amplas, finas, na turma do Pré- I do turno vespertino, não só dentro de sala de aula como também na escola em si. Destaco que na referida escola da aldeia indígena kokama em Bom Jardim II, que hoje não encontra-se reconhecida indígena, mas que firmam o processo e reivindicação em parte das lideranças e comunitários local através de manifestação cultural, apresentações, danças e cantos na língua materna.

Em relação ao meu ingresso como voluntária para participar da iniciação científica da Universidade Federal Amazonas (UFAM), recebi o convite da minha orientadora Dr. Maria Angelita da Silva, após a saída do acadêmico Sandro Flores. Na verdade, estava me recuperando dos traumas e transtornos pela perda dos meus familiares, vítimas da COVID-19, preocupada e ao mesmo tempo me sentindo incapaz, aceitei o desafio.

Para finalizar o nono período no período de 2019, cursei as disciplinas de Metodologia da Língua Portuguesa nos Anos Iniciais, Estágio Supervisionado na Gestão Educacional, e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais. Finalizando a graduação com muito orgulho de cursar a Pedagogia e exercer minha função como Educadora na educação, transformando e formando indivíduos aptos educados na sociedade.

Por conta da COVID-19, assim declarada pandemia mundial no início de 2020, iniciei minhas orientações com minha orientadora, a Profa. Dra. Maria Angelita, a partir do mês de janeiro, mas que foi paralisado por conta do contágio no Alto Solimões, e acabamos não levando em frente. Foi declarado o fechamento das universidades e por conta das perdas na minha família não conseguir continuar em minhas escritas do projeto de conclusão de curso.

Em relação ao meu envolvimento com o tema em questão, surgiu quando deparei com as reivindicações dos professores indígenas Kokama. Na verdade, meu primeiro tema surgiu com as drogas lícitas e ilícitas presentes no ambiente escolar, reparei que era um tema de maior abrangência, considerei

as dificuldades que iria passar. Então, resolvi mudar o tema para as dificuldades de leitura na escola municipal da minha comunidade, juntamente com minha primeira orientadora, professora Antônia Rodrigues. Com isso, trabalhei este tema desde o início da minha primeira prática de pesquisa pedagógica e até a quinta prática.

Na reta final da minha graduação, ao perceber que mais de sete colegas iria defender seu projeto de conclusão de curso sobre as dificuldades de leituras, percebi que não era isso que gostaria de realizar minha defesa. Como sou liderança da Federação, professora indígena Kokama e comunitária, analisei as dificuldades que minha comunidade estava passando, não só ela, mas outras aldeias também, a valorização e contratação de professores indígenas na escola, as lutas em parte das lideranças, em parte dos professores, que estavam se organizando, pretendendo formar uma organização específica, com o intuito de resgatar nossa cultura através da revitalização da nossa língua materna através da educação.

Paulo Freire destaca esse tipo de mobilização com uma ação cultural:

A ação cultural para a libertação e a revolução cultural implicam na comunhão entre os líderes e as massas populares, como sujeitos da transformação da realidade. Na revolução cultural, porém, esta comunhão é tão íntima que líderes e povo se tornam um só corpo e permanente processo de auto avaliação. (FREIRE, 1981, p.69)

O autor destaca que ambas estão interligadas, a ação cultural e a revolução cultural, ambas possuem o mesmo dialeto e conscientização, que determina as reivindicações de um povo, de uma cultura. Foi diante disso que decidir e abrir mão do meu projeto já feito, e declarei para meus colegas que não iria ser possível defender o TCC junto com eles, que iria me atrasar um semestre, mas que seria por uma boa causa. Foi quando eu sentei e organizei meu presente tema: “A formação dos professores indígena Kokama no processo de ensino-aprendizagem na revitalização da língua materna”. Pensei nas dificuldades que iria passar, pelo fato de não ter nada em pesquisa, no tempo que eu iria coletar os dados, que seria pouco tempo, interferido com a chegada da pandemia, mas sempre com a esperança e pensamento positivo que iria dar tudo certo.

Eu precisava realizar esta pesquisa e apresentar aos demais e especificamente ao poder público, que os professores indígenas Kokama tem sim a capacidade de ensinar, de educar em sua própria aldeia, é o meu dever, não só como comunitária, tentar solucionar o problema que minha aldeia vem enfrentando, a desvalorização do corpo docente da referida escola, não só em relação às lideranças e comunitários, mas até mesmo aos professores da aldeia.

Se hoje temos professores especializados e os melhores bilíngues, pronto para atuar em nossa escola, por que não há contratação? Já chega de sermos comandados pelos brancos em nossa aldeia, talvez nesse ponto está o fracasso do sumiço de nossa cultura, tradições que estão há anos se perdendo na referida aldeia. O principal objetivo deste trabalho é apresentar esses conflitos, que ocorrem não só nesta aldeia, mas na maioria das aldeias indígenas Kokama do município.

CAPITULO II

2. AÇÃO CULTURAL E POLÍTICA DO POVO KOKAMA E O PROBLEMA DA PANDEMIA

Este capítulo apresentará às pesquisas que foram desenvolvidas durante as observações de campo e minhas participações ativas: sobre as I Olimpíadas Indígenas Kokama, realizadas na aldeia Sapotal em 2020; aborda o "povo Kokama na pandemia; reivindicação e troca de coordenador "branco" para o "indígena"; relata sobre o PIBIC; finalizando, com ingresso do primeiro professor indígena Kokama na escola da aldeia.

2.1 OLIMPÍADAS INDÍGENA KOKAMA: SEGUNDA FESTA MILENAR

A partir das duas e quarenta da tarde de sexta-feira, dia 21 de fevereiro de 2020, deu-se a saída de integrantes da aldeia de Guanabara II com destino a aldeia de Sapotal, pertencente ao município de Tabatinga, onde foi realizada a II Festa Milenar do Povo Kokama e I Jogos Indígenas Kokama do Alto Solimões. As aldeias que se deslocaram foram: Bom Jardim II, com 18 pessoas; Nova Aliança, 5 pessoas; São Gabriel, 7 pessoas; e Guanabara Mukuika, com 19 pessoas, incluindo todos os atletas masculinos e femininos que representaram o município de Benjamin Constant.

Para chegarmos ao destino na referida aldeia levamos em torno de 4 horas e meia. Feito isto, na chegada, às seis e meia da noite, fomos recepcionados pelo cacique da aldeia Sapotal, Sr. Luiz Curico Kokama, por alguns comunitários da aldeia, que nos recepcionaram muito bem. Em seguida nos deslocamos para participarmos da dança cultural kokama de boas-vindas, ao ritmo das músicas culturais de um dos anciões e cacique André Januário Samias, na língua materna, em seguida descansamos às 10 da noite. Para finalizar as boas-vindas com falas das lideranças presente, o Sr. Curico enfatizou a importância do evento:

Esse grandioso evento, que é tão importante para nós Kokama, tem como principal objetivo de fortalecer nossa cultura milenar, especialmente aos nossos jovens, para que saibam se defender, oportuniza a participação de todos, no coletivo de apresentar aos demais que nós Kokama estamos firme, que nós temos uma cultura. (Eladio Curico. Liderança da OGCCIPK-2020)

No dia 22 de fevereiro de 2020 (sábado), às 7 horas da manhã, foi oferecido um café da manhã com as comidas típicas do povo Kokama, isto é, com tacate e bolacha; em seguida nos deslocamos para a maloca para ensaiarmos nossa peça teatral, em que apresentamos o surgimento dos Homens Kokama - Pardo, Negro e Branco³, com as participações dos nossos parentes Tikunas da aldeia de Urique, pertencente ao município de Tabatinga, que se fez presente com 24 pessoas, que também se apresentaram mostrando suas danças culturais.

No mesmo dia, às onze e meia, foram convocados todos os atletas para a cerimônia de abertura - momento exato em que a comitiva do município de Tonantins chegava na aldeia. Em seguida compuseram a mesa, convidando todos os caciques, professores e lideranças para dar início à cerimônia. Como

³ “No início do povo Kokama não existia o homem, todos eram animais e seres. Todos foram cuidados pelo Deus Kokama. Um dia, o deus Kokama, de tanto andar pela terra cuidando de seus animais, pensou: minhas crias são muitas e não posso cuidar, farei um homem para que cuide de todos. Ele queria fazer um homem perfeito, então começou a amassar o barro e formou um homem, nisso sua fogueira estava acesa e colocou para assar. O deus esqueceu de controlar o fogo que estava assando o homem porque tinha muito trabalho. Quando poderia foi vê-lo, encontrou o homem negro, queimado. O deus pegou o homem, respirou e disse: Eu te dou vida, anda.

O homem negro caminhou e começou a cuidar da mata. O deus estava contente com sua criação. Fez outro homem, mas desta vez cuidou para não queimar. Quando começou a ficar dourado o homem no fogo, deus disse: te dou vida, caminha, cuida da mata junto com o homem negro. E assim o homem moreno fez.

Apesar disso, o deus Kokama não encontrou o homem perfeito. Nesse mesmo dia criou outro homem. A este cuidou muito para que não se queimasse com o fogo. E o tirou do fogo com a cor branca, soprou e lhe deu vida. O homem branco começou a caminhar e foi até seus parentes feitos por deus. Deus os enviou à mata para cuidar de suas crias.

Um dia os três homens desentenderam-se porque queriam governar o mesmo território criado e governado por deus. Vendo toda essa situação, o deus Kokama entregou um território para cada um, assim também distribuiu os animais para cada território para que cada homem pudesse criar seus animais.

Estes homens tiveram filhos e formaram o povo Kokama. Um dia, o deus Kokama lhes disse: ‘Filhos, cuidem dos animais, cuidem da sua terra, da sua gente. Eu falo isso porque não havia nada aqui. Ensinem aos seus filhos fazer um povo, fazer um povo grande e chamá-lo de Kokama tuyuka (Kokama da terra)’.

Dizendo isso, o deus Kokama foi embora, até os dias de hoje. Assim acreditam os homens do povo Kokama. Por isso há homens negros, brancos e morenos.” (História antiga Kokama traduzida e reproduzida por Altaci Rubim em sua tese de doutorado (RUBIM, 2016, p. 148-149) a partir do livro produzido pelo Programa de Formación de Maestros Bilingües de La Amazonia Peruana FORMABIAP/AIDSESP/ISSP, Loreto. Compilación: Gemertong Murayari. Dibujos: Anmer Mozombite, Iquitos-Peru, octubre, 2003.)

tradição, antes de iniciar reuniões, eventos, é oferecido uma oração de agradecimento a Deus (TIUTSU MUKI Y+ARA); em seguida foi cantado pela aluna (N) o Hino Nacional Brasileiro, traduzido na língua materna; foi apresentada e lida uma breve história do surgimento do movimento Kokama pelo professor (E), que ressaltou que o movimento iniciou-se no dia 11 de Fevereiro de 2001, a organização do movimento indígena Kokama, pela família Tsamia. O relato foi encerrado com a fala do professor Pissango:

Esperamos assim, que este magno evento do povo Kokama signifique o fortalecimento da união, paz e harmonia entre Federação, Organização, associações, buscando assim o bem comum de todos e sobre tudo o entendimento e compreensão entre nossos parentes

Em seguida passou-se a oportunidade da fala para o Sr. Luiz Curico, cacique da aldeia, que fez seus agradecimentos a todos que se fizeram presentes, ressaltando a força de vontade e coragem do guerreiro cacique Sr. Aldemir Reis, do município de Tonantins, por sua presença, pois levaram três dias e meio para chegarem até à aldeia. O cacique é uma das lideranças muito antigas que vem lutando no movimento indígena Kokama. Assim finalizando seus agradecimentos a voz foi passada para a representante da SESAI, Psicóloga Maria Cristina, que parabenizou pela festa e ressaltou a importância da valorização e cultura do Povo Kokama.

Às duas horas da tarde iniciaram-se os jogos, com a primeira modalidade, “Arco e Flechas”, fazendo a abertura das competições, com a participação de todas as aldeias dos municípios, como Guanabara II-BC, Bom Jardim II-BC, São Gabriel-BC, Sapotal-TBT, Vista Alegre-TBT, Santa Cruz-TNT, Urique-TBT, Muria-TNT, Terra da Paz-TBT.

Em seguida, às competições prosseguiram com o “Cabo de Guerra”, a segunda atividade do dia, que é realizada com dez integrantes de cada lado. O objetivo desta brincadeira é puxar a corda com maior força, a equipe que conseguir puxar e passar da linha marcada será o vencedor.

A terceira modalidade dos jogos foi o “Arremesso de Lança”. O objetivo desta brincadeira é jogar a lança no alvo, o vencedor será quem acertar no meio do alvo, naipes feminino e masculino.

A próxima competição foi o “Arremesso de Arpão”, instrumento utilizado especificamente para pesca, uma flecha enorme e pesada. O

vencedor será quem acertar o alvo, naipes feminino e masculino, assim finalizando os jogos desta tarde às 5:00h da tarde.

A noite no mesmo dia, a partir das sete da noite, na maloca, foi realizada uma palestra com a psicóloga Maria, com todos os parentes visitantes e atletas dos jogos, especificamente para todos os jovens, crianças, adolescentes e pais. A palestra, que tratou de vários itens relacionados aos jovens, como as bebidas alcoólicas presente nas aldeias indígenas, depressão, gravidez na adolescência. Feito isto, encerrou-se a palestra com a fala da referida palestrante, com as palavras de motivação a todos os adolescentes.

No domingo, dia 23 de fevereiro de 2020, iniciaram-se os jogos às 8:00h da manhã, tendo como a primeira modalidade o “Arremesso da coquita”. O instrumento são as próprias frutas da coquita, que é uma das plantas tradicionais do Povo Kokama. O objetivo desta brincadeira é lançar o maior número possível de frutas. O participante que conseguir arremessar, mas rápido e maior número de pontos será o vencedor.

A segunda brincadeira foi a “Queda de braço”. O participante que tiver mais força nos braços será o vencedor, também naipes feminino e masculino.

Em seguida, às 9:00h manhã, foi realizada a próxima brincadeira, a da “Baladeira”, instrumentos feitos com ligas e pedaços de pau. O objetivo desta brincadeira é acertar no alvo, o participante que conseguir será o vencedor, (Feminino e Masculino) incluindo as crianças e adolescentes.

Em seguida, às 10:48h, inicia-se o próximo jogo, “Toro de Lenha”, com dois participantes. Os objetos usados nesta brincadeira são o machado e os toros de lenha. O atleta que conseguir partir o mais rápido possível e a maior quantidade de pedaços de lenha será o vencedor.

Observo aqui que os jogos e brincadeiras que estão sendo expostos todos são de acordo com nossos costumes, afazeres que os homens e mulheres vivenciam no seu dia-a-dia na comunidade. Às 11:40h iniciou-se o jogo seguinte, a “Subida no Açaí”, naipes feminino e masculino. Só que, infelizmente, não houve nenhuma mulher que conseguiu subir no pé do açaí. O objetivo desta competição é os atletas subirem e descerem o mais rápido possível em menos tempo, quem conseguir será o vencedor.

Finalizado o último jogo tivemos a parada para o almoço, às 12 horas da tarde. Ao término do almoço tivemos o descanso, de uma hora até às duas da tarde.

Em seguida iniciou-se os jogos pela parte da tarde, com a primeira modalidade “Futebol de campo” e após “Voleibol”, naipes feminino e masculino, assim fechando os jogos às cinco da tarde deste dia.

Vale destacar que havia pessoas no evento que não possuíam o conhecimento de sua própria etnia, mas que passaram a conhecer nesses momentos de jogos, danças e palestras. A jovem Santos relata que:

Não imaginava que a nossa cultura Kokama era tão linda assim, estou feliz por poder participar desse evento cultural. Eu fui tão burra ao ponto de não me interessar em saber, conhecer nossos costumes enquanto meus avós estavam vivos, e hoje passei a conhecer e posso dizer que tenho orgulho de quem eu sou tenho orgulho de minhas raízes. (Kelly Santos.2020)

Às 6: 30 da noite foi servido o jantar. Após isso aconteceu a concentração, às sete da noite, no centro cultural “Maloca” da aldeia. Com todos os participantes visitantes dos jogos presentes, às oito da noite, ainda no dia 23 de fevereiro de 2020 (Domingo), aconteceu uma palestra com as lideranças indígenas Kokama, pelo coordenador da aldeia, o Sr. Ângelo, que leu uma breve história do início da luta das primeiras lideranças, conhecidos como patriarcas, que iniciaram com as reivindicações: Benjamin Samias, Antônio Samias, Francisco Guerra Samias e Cristóvão Cristóvão Macedo Moçambique, que deram início ao movimento.

O Sr. Ângelo ressaltou também a participação dos comunitários, juntamente com os professores, para o fortalecimento e revitalização da nossa língua materna, a importância de termos professores bilíngues em nossas escolas. Destacou o avanço da aldeia Sapotal-TBT no resgate e fortalecimento da língua kokama na comunidade, não só na educação, mas na saúde também. Observa que em sua aldeia todos os jovens estudantes da escola indígena Marechal Rondon já são falantes da língua materna, o que é importante de trabalharmos em união.

Em seguida passou-se a fala para o professor Alírio Mendes (Professor bilíngue-Ticuna) que está representando o município de Benjamin Constant, e também um dos integrantes da organização dos professores indígenas

Kokama –OPIPEK-BC, que está apresentando os objetivos e os principais planejamentos da organização, sendo também uns dos pioneiros do movimento indígena desde a década de 80 junto a OGCCIPK- (Organização Geral dos Caciques das Comunidades Indígena Kokama).

O professor Alírio Mendes conta que à organização foi criada para livrar o Sr. Francisco Samias, com suas reivindicações, por que naquela época era a COIAMA (Coordenação de Apoio aos Índios Kokama do Amazonas) que oferecia suporte ao povo Kokama. Era preciso criar sua própria organização, dos próprios líderes do movimento, por que a COIAMA não ampara somente o povo Kokama e sim a todos nossos parentes de outras etnias, e assim surgiu a primeira luta em prol dos povos indígena Kokama do alto Solimões.

Dando continuidade à palestra dessa noite, tivemos a participação do antropólogo Kokama Sr. Maurício, que enfatizou a importância da participação no movimento, responsabilidade e presença dos nossos jovens, não só no movimento como também na valorização de nossa cultura, cobra a falta de interesses dos jovens de hoje em dia. Observou que, pelo fato dos números de pessoas presentes nas palestras, ele acredita que a desvalorização que está acontecendo hoje em relação ao povo Kokama está na falta de participação de todos os comunitários no movimento de revitalização.

Afirmou que não podemos deixar que isso aconteça com nosso povo, acredita que é por isso que hoje os Kokama são conhecidos como “Não índio”, pelo fato de 90% do povo não falar sua língua materna. Em seu trabalho de conclusão de curso, Samias Forte (2018) afirma que:

O povo Kokama houve seu desaparecimento com a chegada dos colonizadores, pelo fato deles serem submetidos a trabalhos forçados, ordenados pelos missionários espanhóis, e além disso proibição da sua fala kokama. Podemos ver hoje esta transformação deste grupo étnico na questão da língua. (LUCIANE SAMIAS, 2018.p 19)

O Povo Kokama, segundo Samias (2018), está em processo de revitalização, por serem, os Kokama, forçados, a se calar, esconder sua língua, por que foram obrigados a ficar em silêncio. O processo de invisibilização das populações indígenas, decorre do processo de colonização, de catequização, de submissão à cultura outra.

Ao término da palestra dessa noite o atual patriarca, Edney da Cunha Samias, apresenta e ensina algumas palavras na língua Kokama e no português para todos que se fizeram presentes. Feito isso, encerra-se com seus agradecimentos às 10:30h da noite.

Segunda-feira, às 8 da manhã do dia 24 de fevereiro de 2020, prosseguem os jogos no Centro Cultural com a divisão e formação das equipes. Em seguida, todos se dirigiram até o campo de futebol, para dar início com a primeira atividade do dia, tendo como modalidade a “Briga do Galo”, que é realizada com dois participantes, que são obrigados a seguinte regra: o atleta não pode sair do círculo e não pode cair, a briga pode somente com os ombros e as mãos, a mão esquerda no peito e a direita segurando no pé direito, se cair perde. O vencedor será quem derrotar e derrubar o concorrente.

A segunda atividade foi a “Corrida de Saco”. O objetivo desta brincadeira é chegar o mais rápido possível na linha de chegada, o concorrente terá que correr com o saco nos pés, a competição são naipes feminino e masculino.

Às 9:50h, iniciou-se a competição da “Corrida” naipes feminino e masculino. O objetivo é correr com mais velocidade até a linha de chegada, o concorrente que conseguir será o vencedor.

Finalizando isto, em seguida, às 10:45h, inicia-se a competição da “Pescaria”, naipes feminino e masculino. O objetivo desta brincadeira é pescar no rio, os objetos são a isca (minhoca ou peixe) e caniço, com a linha e anzol, o vencedor será quem pescar o peixe primeiro e maior.

Ao término, tivemos a próxima modalidade, a “Natação”, naipes feminino e masculino. O objetivo é chegar na linha de chegada o mais rápido possível, o atleta que chegar primeiro será o vencedor. Esta modalidade foi a mais arriscada para todos os participantes, pelo fato de o rio ser perigoso, com muita correnteza. Houve desespero pela parte das famílias dos participantes e atletas que chegaram a passar mal no rio, desmaios e etc.

Para finalizar os jogos, pela parte da manhã, tivemos a modalidade do “Mergulho”, que foi realizada com três atletas. O objetivo é mergulhar em baixo da água no rio, o competidor que aguentar mais tempo será o vencedor, naipes feminino e masculino.

Em seguida foi a pausa para o almoço às 12:00 horas. Após o almoço e o descanso de uma hora e meia.

Pela parte da tarde, a partir das 2:00h, iniciou-se a segunda etapa dos jogos, com o futebol de campo e voleibol, naipes feminino e masculino, assim finalizando às 5:00h da tarde.

Durante a noite, a partir das 7:30h, aconteceram as palestras com a presença de todos, com o patriarca Edney da Cunha Samias, que enfatiza em sua fala que talvez esteja acontecendo a desvalorização por que o próprio Povo Kokama está se desvalorizando a si mesmo, sua própria cultura, e muitos estão deixando a religião tomar de conta dos costumes, esquecendo de suas próprias raízes. Segundo o mesmo ressalta que não julga nenhuma religião, mas que infelizmente a maioria do Povo Kokama segue e são congregados na religião Cruzada ou Santa Cruz, que proíbe seus seguidores renunciar seus costumes e tradições pelo fato de ser proibido segundo suas doutrinas.

Fundada em 1972 pelo missionário, irmão Francisco da Cruz. Sua missão era evangelizar os indígenas e ribeirinhos, formando comunidades ou nas comunidades já existentes. De acordo com a permissão do cacique ou representante legal do povo, plantavam uma cruz de madeira com 7m de comprimento e formava a junta diretiva composta pelos seguintes membros: diretor, presidente, secretário, tesoureiro, vice presidente, vice secretário, vice tesoureiro, fiscal e porta voz então estes membros que lideravam a comunidade. Sendo sua maneira de pregação é através da santa bíblia, e seu vestuário padrão é masculino calça e camisa branca manga longa, o horário da pregação é semanal, a noite a dominical manhã e noite”. Prudêncio dos Santos Mauricio, 38, comunidade Monte Santo. (ALMEIDA; RUBIM; SANTOS, 2013, p. 3)

No dia 25 de fevereiro de 2020 (terça-feira), às 7:00h da manhã iniciaram-se, com a presença de todos no Centro Cultural (Maloca), os sorteios das semifinais das seguintes modalidades: Queda de braços, tiro de lanças, cabo de guerra, vôlei e futebol de campo, naipes feminino e masculino. Ao término desta rodada, como de costume, foi servido o almoço, às 12:00 horas. Na volta, pela parte da tarde, às 2:00 horas, foram as disputas entre todas essas modalidades, encerrando-se às 5 horas da tarde.

Às 8:27h da noite, no mesmo dia 25 de fevereiro de 2020, no Centro Cultural da aldeia, iniciou-se a cerimônia de finalização das olimpíadas. Antes de iniciar houve uma breve reunião com todas as lideranças presentes de todos os municípios. Na continuidade, aconteceu a cerimônia das entregas de premiações e a colocação, como afirma a primeira tabela abaixo:

Tabela 1 – Colocação das disputas nos jogos indígena Kokama

COLOCAÇÃO	MODALIDADES	NAIPES	GANHADORES	ALDEIA
Primeiro lugar	Arremesso de Arpão	Masculino	Geovane Kokama	Sapotal-TBT
Primeiro lugar	Tiro de Lança	Masculino	Marlon Kokama	Guanabara II-BC
Primeiro Lugar	Mergulho no Rio	Masculino	Andelvan Kokama	Guanabara II-BC
Primeiro Lugar	Queda de Braço	Masculino	Reule Kokama	Bom Jardim II-BC
Primeiro lugar	Futebol	Masculino	Sapotal	Sapotal-TBT
Primeiro Lugar	Arco e Flechas	Masculino	Francisco Tikuna	Urique-TBT
Primeiro Lugar	Subida no Açaí	Masculino	Andelvan Kokama	Guanabara II-BC
Primeiro Lugar	Baladeira	Masculino	David Kokama	Guanabara II-BC
Primeiro Lugar	Briga de Galo	Masculino	Edinho Kokama	Bom Jardim II-BC
Primeiro Lugar	Cabo de Guerra	Masculino	São Gabriel	São Gabriel-BC
Segundo Lugar	Cabo de Guerra	Masculino	Guanabara II	Guanabara II-BC
Primeiro Lugar	Natação	Masculino	Josué Tikuna	Urique-TBT
Segundo Lugar	Natação	Masculino	Marlon Kokama	Guanabara II-BC
Primeiro Lugar	Partida de Lenha	Masculino	Antônio Kokama	Santa Cruz-TNT
Primeiro Lugar	Voleibol	Masculino	Sapotal Kokama	Sapotal-TBT

Fonte: Caderno de Campo, 2020.

As premiações acima estão alternadas pelo fato de não ter premiações suficiente para o segundo e terceiro colocado, segundo os organizadores, não conseguiram patrocínios para todos. A segunda tabela abaixo representa às colocações das modalidades do feminino, como afirma:

COLOCAÇÃO	MODALIDADES	NAIPES	GANHADORES	ALDEIA
------------------	--------------------	---------------	-------------------	---------------

Primeiro Lugar	Arremesso de Arpão	Feminino	Alziane Kokama	Sapotalzinho-TBT
Primeiro Lugar	Futebol de Campo	Feminino	Sapotal Kokama	Sapotal-TBT
X-X-X-X	Arco e Flechas	Feminino	Não houve ninguém	X-X-X-X
X-X-X-X	Subida do Açaí	Feminino	Não houve ninguém	X-X-X-X
Primeiro Lugar	Pesca no Rio	Feminino	Milena Kokama	São Gabriel-BC
Primeiro Lugar	Futebol	Feminino	Sapotal kokama	Sapotal-TBT
Primeiro Lugar	Briga de Galo	Feminino	Esperança Tikuna	Bom Caminho-BC
Primeiro Lugar	Cabo de Guerra	Feminino	São Gabriel	São Gabriel-BC
Segundo Lugar	Cabo de Guerra	Feminino	Guanabara II	Guanabara II
Primeiro Lugar	Natação	Feminino	Jovem Tikuna	Urique-TBT
Primeiro Lugar	Queda de Braço	Feminino	Maria Kokama	Santa Cruz-TNT
Primeiro Lugar	Partida de Lenha	Feminino	Ciene Kokama	Sapotal-TBT
Primeiro Lugar	Mergulho no Rio	Feminino	Simone Kokama	Sapotal-TBT

Fonte: Caderno de Campo. 2020

Entregues as medalhas e troféus aos atletas pelas lideranças, caciques e professores, encerrou-se a cerimônia de premiações. Ao término das entregas das premiações desta noite, falou o atual patriarca, o Sr. Cunha:

Que esse evento possa encorajar aos nossos jovens e adolescentes a participar mas no movimento indígena Kokama, que sirva como interesse de defender nossa cultura. Muitos jovens que não conhecia nem a metade e muitos já tinha esquecido, hoje nesse evento puderam ver, conhecer o quanto nossa cultura é rica, nossas tradições que estão esquecida. Vocês jovens é nosso futuro de levar em frente e manter viva a cultura do nosso povo. (EDNEY DA CUNHA SAMIAS-PATRIARCA KOKAMA-2020)

Em seguida, para finalizar a programação da noite, a última programação do evento foi o desfile das rainhas das I Olimpíadas Indígenas Kokama de 2020, com a participação das garotas Kokama de Sapotal, Guanabara Mukuika, Sapotalzinho, Tonantins, Vista Alegre, sendo escolhida rainha 2020 a garota da aldeia de Sapotal.

Terminou o evento com os agradecimentos a todos, e como era a semana do carnaval foi feito rapidamente uma festa, com a participação de todos, até às 2:00h da madrugada. Em seguida foi o retorno para nossas aldeias, pela madrugada, por não termos alimentos no seguinte dia. A caravana de Tonantins saiu às duas da madrugada para seu município e nós também, para o município de Benjamin Constant.

2.2 REIVINDICAÇÃO: TROCA DE COORDENADOR INDÍGENA

Para iniciar esta subseção, apresento, de antemão, à primeira documentação e ofício realizado ao poder público do município em relação à troca do coordenador em exercício para o coordenador indígena kokama da comunidade de Guanabara II. Como afirma abaixo:

Comunidade indígena Kokama Guanabara II, dia 02 de fevereiro de 2020

“Nós Indígenas comunitários desta comunidade reunido neste dia para discutirmos nossa questão de educação, após, várias discussões foram decididas a fazer substituição da coordenação do Polo Sr. José Francisco Melo Campos, pelo motivo de não corresponder conforme as Diretrizes e Bases da Educação Escolar Indígena. Outrossim, informamos também que o mesmo não tenha se dedicado como indígena, para que a Escola seja realmente indígena, pois, escola da referida comunidade já se encontra reconhecida na modalidade indígena. Por tanto, solicitamos o Professor Osias Aicate Aiambo, indígena Kokama residente da comunidade Guanabara II, para assumir o cargo de coordenação da Escola Municipal Indígena Kokama Antir-i Awanari Tsamia. Desde já, contamos com o vosso apoio e sensibilização de atender nosso pedido, para que os nossos direitos sejam acatados de acordo com as Diretrizes que nos amparam como um direito e deveres dos povos indígenas. Declaramos para os devidos fins que este documento é verdadeiro”.

Elaborado e entregue esse documento, após quinze dias, no dia 19 de fevereiro de 2020, antes da pandemia ser identificada em nossa região, tivemos reunidos com as lideranças de Nova Terra e Guanabara II, junto à representante da gerência indígena, Elisângela Lopes, representante Kokama da SEMED, o Sr. Alírio Mendes, cacique e vice cacique da referida aldeia, na prefeitura municipal de Benjamin Constant, para recebermos resposta do ofício do Prefeito em exercício e Secretária de Educação.

A Secretária de Educação, Sra. Antônia Rodrigues, afirmou que não seria possível substituir o coordenador nesse período por motivo que se encontrava lotado no semestre de 2020. Que o Sr. Aicate, pedido como Coordenador Indígena, não se encontrava pronto e capaz para assumir esse cargo, por motivo da pendência que estava em relação ao seu desempenho de trabalho como professor, e que não estava com saúde para assumir e coordenar o polo educacional. Afirmou que a mesma enquanto educadora,

conhecedora das normas, com compromisso com a educação, não poderia cometer esse erro, que sua preocupação era cometer fracassos, assim se tornando prejudicial no processo de ensino-aprendizagem.

Presenciamos uma humilhação, falta de respeito aos povos indígenas, confesso que nesta hora eu estava presente e em mim doeu essas falas. Mas não nos calaram, a Sra. Lopes e o cacique da aldeia em seguida relataram a importância dessa substituição, que entediamos sua afirmação, mas não concordávamos, porque nós estávamos ali cobrando um direito que é nosso, de resgatarmos e vivenciarmos nossa cultura em nossa aldeia. Como afirma a Lei de Diretrizes e Bases de Educação-LDB, Lei 9394/96, nos artigos 77 e 78, que dispõe sobre a educação escolar indígena e determina que a atribuição de organizar a educação escolar indígena é da união, assim como a responsabilidade de assegurar proteção e respeito às culturas e modelos próprios de educação indígena.

A Portaria Interministerial MJ/MEC 559 de 16 de abril de 1991 também declara que, para o bom funcionamento das escolas indígenas, precisa estar de acordo com suas especificidades:

ART.2º parágrafo único: A escola será criada em atendimento e reivindicação ou por iniciativa de comunidade interessada, ou com anuência da mesma, respeitadas suas formas de representação

ART.3º Na organização da escola indígena deverá ser considerada a participação da comunidade, na definição do modelo de organização e gestão, bem como:

- I. Suas estruturas sociais
- II. Suas práticas socioculturais e religiosas

A Sr. Ana Nery Mapiama, acompanhando relatos de moradores, afirma que:

Não queremos mas que esse Coordenador fica em nossa comunidade, ele não sabe trabalhar com nós, não valoriza e não respeita a população e principalmente as lideranças, já chega, queremos um Coordenador kokama que nos valoriza.(ANA NERY SAMIAS-2020)

Nós Kokama temos uma cultura, cultura esta que não existia nessa gestão, que o mesmo não aceitava que a comunidade era indígena e não nos respeitava. Na Constituição Federal de 1988, em seu art. 232, os índios, suas

comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo. (BRASIL, 1988)

De acordo com essas problemáticas, aponta-se que, em relação ao povo Kokama, nesses processos de mudanças e reivindicação, são referenciados a uma “cultura híbrida”, ou seja, ela está sempre em processo de construção, produtiva, dinâmica, aberta a uma transformação (BHABHA, 1998). Após o documento elaborado e a demora da decisão do poder público, reuniram-se novamente na aldeia todos, isto é, população, lideranças, para elaborar outra documentação para o Ministério Público, para cobrar seus direitos que estavam sendo recusados.

Por fim, as lutas, reivindicações do Povo Kokama, baseiam-se fundamentalmente em resgatar sua cultura, que é vivenciada em seu dia-a-dia, por meios de organizações, associações, e principalmente pela educação, que é a educação escolar indígena, por meios de professores bilíngues qualificados para atuarem em suas aldeias. Acreditam que por meio deles os jovens, crianças e até mesmo adultos possam voltar a falar sua língua de origem.

2.3 O POVO KOKAMA DIANTE DA PANDEMIA DA COVID-19

Anteriormente, muito antes do primeiro caso a ser confirmado no Alto Solimões, o último encontro de nós Povo Kokama realizou-se na aldeia indígena de Sapotal, onde foi realizada a I Olimpíada e Festa Milenar, com a participação de todos os municípios do Alto e Médio Solimões. Após retornamos do evento, no mês seguinte, foi confirmada a pandemia pela OMS (Organização Mundial da Saúde) (SANCHES, 2020) e as aulas presenciais na UFAM são suspensas em portaria do dia 13 de março de 2020, começando a valer a partir do dia 16 (na Universidade Federal do Amazonas, 2020). Era o começo do isolamento social no país. No mês de abril de 2020 foi confirmado o primeiro caso no Alto Solimões, em Santo Antônio do Içá, nossa parenta, agente de saúde indígena, do Povo Kokama.

Após o primeiro caso, de lá para cá a situação foi se tornando cada vez pior, com o aumento de infectados em nossos municípios vizinhos, incluindo o município de Tabatinga e Benjamin Constant, como sabemos e temos

conhecimento não foi fácil lidar com o vírus, além da pandemia foram surgindo muitas crises que afetaram toda população mundial. Presenciando esta realidade, as lideranças maiores da Federação e Organização do Povo Kokama iniciaram as mobilizações em arrecadação de alimentos não perecíveis, com o intuito de ajudar nossos parentes que estavam passando por necessidades e a falta de alimentação, principalmente os Kokama que residem no contexto urbano. Nesta perspectiva, o Sr. Cunha relata que :

Essa pandemia não trouxe apenas prejuízos e crises, isso é de menos, mas causou um grande estrago e perdas para nosso povo Kokama, é como se fosse um extermínio. Perdemos anciões, professores jovens bilíngues Kokama que estavam com compromisso de manter viva nossa cultura, nossas tradições, mas que estaremos sempre e firme trabalhando mantendo nossa cultura ativa.

Através de apelo em redes sociais lideranças foram ganhando forças na arrecadação de alimentos e kits higiênicos de empresas como a COIAB, professores universitários e até mesmo de países estrangeiros, assim doando para aldeias indígenas Kokama de todos os municípios, como Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, entre outros. Infelizmente o Povo Kokama foi umas das etnias, mas afetadas com a contaminação e perdas de nossos entes queridos, considerando o Alto Solimões. É lamentável e doloroso presenciar seu povo se acabando de maneira tão cruel, sem contar que entre as vítimas foram a maior parte da minha família, com 18 (dezoito) vidas perdidas.

Presenciando toda essa perda, que para mim vejo como um genocídio do meu povo, de presenciar meus tios, primos, partindo de uma maneira tão cruel, sem direito ao um enterro digno, uma despedida de familiares e amigos. Ter a família mais afetada do Alto Solimões e do Povo Kokama não é fácil, até hoje continuam essas perdas, já não tenho mais lágrimas para chorar, apenas com o coração apertado, suportar essa dor que sangra no meu peito, na minha alma, é como se estivesse um nó em minha garganta presa, apenas vivendo e pedindo forças aos Tiutsu Muky y+ara (Deus) e força dos meus ancestrais para continuar em frente.

Destaco aqui que, com essas perdas de nossos anciões, nós, jovens indígenas Kokama, temos mais que nunca a responsabilidade de continuarmos

em frente, nós somos o futuro de nosso povo, nas lutas inserindo e mantendo viva nossa cultura, fortalecendo-a cada vez mais, para que a sociedade conheça que nós, Povo Kokama, somos indígenas sim, temos uma cultura sim, muito rica e linda a ser vivida.

Dentre os óbitos em maio de 2020, segundo dados do ISA – Instituto Socioambiental, a Associação dos Indígenas Kokama (AKIM) informou que na quinta-feira, 07 de maio de 2020, foram registrados mais 10 óbitos, totalizando 20 só entre essa população, a maior vítima da crise sanitária até aquele momento era a etnia Kokama (INDÍGENAS...2020). No Alto Solimões houve várias negligências por parte do poder público do município, principalmente Tabatinga, em relação às transferências dos pacientes graves para a capital do Amazonas (Manaus), falta de transporte para os indígenas, falta de respiradores e falta de sensibilidade na retirada dos corpos do Hospital de Guarnição, a falta de respeito no atestado de óbito, que muitos indígenas Kokama foram registrados como “pardos” e não como indígenas (ÍNTEGRA...2020).

Hoje, o Povo Kokama no Alto Solimões está estável, graças aos remédios caseiros e plantas medicinais, incluindo a Ayahuasca (bebida típica e ritual do Povo Kokama), que salvaram muitas vidas, e segundo a vacina, que temos como uma esperança de dia melhores. Diante destes retrocessos por conta da pandemia, aos poucos estamos retomando a nossa luta, com reuniões, assembleias do movimento indígena – com cautela e cuidados de prevenção, como o uso de máscaras e álcool em gel – nossa luta e reivindicação na educação, saúde e territorialidade.

2.4 INDÍGENA NA PESQUISA: EXPERIÊNCIA DE PIBIC NA UNIVERSIDADE

O presente projeto tem como tema “O problema da comunicação na conexão entre cultura, ciência e linguagem: a participação das diversas etnias em tempos de pandemia na faixa de fronteira, Alto Solimões” (SILVA; MAPIAMA, 2020). O projeto de iniciação científica proporciona a investigação, informação no contexto indígena no ensino superior em tempos de pandemia, tendo em vista que o INC – Instituto de Natureza e Cultura, campus da UFAM na tríplice-fronteira Brasil, Peru e Colômbia em Benjamin Constant-AM, possui

um corpo discente formado, a maior parte, por ingresso maciço de indígenas, constituindo assim problemas da comunicação e suas consequências na conexão entre cultura, ciência e linguagem no Alto Solimões.

Mota (2016, p.21) afirma que ao “Discorrer sobre a Amazônia como um espaço de relações sociais, que abriga uma diversidade de valores socioculturais vividos por homens e mulheres amazônicos, constituiu-se um dos grandes desafios para as Ciências Sociais.” Presenciamos esses grandes desafios cotidianamente.

Outro aspecto importante a ser considerado é que a educação escolar indígena deve ser pensada e executada a partir de uma imersão profunda na cultura étnica de cada povo indígena em questão. Por isso, os encontros culturais, as festas e rituais, roupas, adereços, grafismo corporal, cultura alimentar, a religiosidade, são elementos significativos para se pensar uma pedagogia interétnica e plural.

O foco da pesquisa científica⁴ está direcionado à moda, a fotografia, a dança e música, enquanto linguagens étnicas, presente no Povo Kokama como um ato de reivindicação e auto identificação em suas identidades culturais, uma vez que a moda e indumentária, dança e música, grafismo e fotografia são meios de comunicação e fenômenos culturais, e nos leva a termos uma reflexão bastante elucidativa sobre a relação entre diálogo intercultural através dessas linguagens. Essas manifestações estão relacionadas em *A interpretação das culturas* (1989), onde Clifford Geertz defende a ideia de cultura como conjunto de mecanismos simbólicos que auxiliam na ordenação do comportamento humano.

2.5 INGRESSO DO PRIMEIRO PROFESSOR INDÍGENA KOKAMA NA ESCOLA DE GUANABARA II

No dia 18 de março de 2020, na aldeia de Guanabara II, em reunião, foi declarado ao público presente e população o reconhecimento definitivo da

⁴ Precisamos fazer algumas alterações nos objetivos, já que a situação de crise sanitária, não nos permite estudo comparativo entre vários povos, mesmo o recorte sendo de estudo do estado da arte [pesquisa bibliográfica da produção científica do INC/UFAM sobre o tema] elegemos o Povo Kokama, como recorte possível, para essa fase de investigação. Dificuldades com conexão e a ausência de acesso a biblioteca digital no INC UFAM, fez-nos alterar nossa pretensão de pesquisa.

modalidade indígena e troca do Coordenador da escola, pela atual Secretária de Educação do município de Benjamin Constant, a Sra. Profa. Dra. Antônia Rodrigues da Silva, ressaltando a mesma a importância da Educação Escolar Indígena e a preocupação da aldeia em resgatar sua cultura Kokama, considerando-as plausíveis para a Educação. A Constituição Federal de 1988 menciona, em seu artigo 210, o respeito aos valores culturais em geral, e, de maneira específica, no parágrafo 2º do mesmo artigo, o direito dos povos indígenas ao ensino de suas línguas e a processos próprios de aprendizagem; e no artigo 231 fica assegurado direito de organização e ver reconhecidos seus costumes, línguas, crenças e tradições:

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

...

§ 2o O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

...

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições [...] (BRASIL, 1988, Art. 210;231)

Reconhecendo os direitos institucionais, a secretária anunciou a primeira vaga de professor indígena na presente escola, por conta do sistema não poderia fazer e disponibilizar, mas vagas para a referida escola, que neste ano e semestre apenas um ocuparia a vaga. Nessa perspectiva, foram selecionados os professores do PSS (Processo Seletivo Simplificado) para o semestre, incluindo apenas uma vaga para o ano letivo. Após as seleções fui aprovada, assim me tornando a primeira professora indígena Kokama a lecionar na escola indígena ANTIRI AWANARI TSAMIA.⁵

No dia 03 de abril de 2021 foi meu primeiro contato na escola, minha apresentação como professora aos meus colegas e demais professores, gestora, coordenadora e pais dos alunos. Atualmente às aulas acontecem via rádio, através do projeto educacional Rádio Escola – nas Ondas do Conhecimento, projeto do município, as metodologias e atividades são

⁵ Nome dado em homenagem ao primeiro cacique da comunidade (in memorian).

elaboradas através de apostilas, disponibilizadas pela secretaria municipal de educação e em seguida repassada para os alunos do polo educacional.

Valle ressaltar que por conta e decorrência da pandemia, segundo a atual gestora, não será possível se organizar e discutir quais as metodologias que serão empregadas no quesito indígena. Destaco que atual gestora, a Sr. Moura, é da etnia Kokama. Por conta de um incidente que aconteceu em relação ao Projeto Político Pedagógico da escola, a gestão, professores e colaboradores estão retomando do início a reelaboração.

Nos dias 04 e 10 de maio de 2021 reuniram-se todos os professores, gestora, coordenadora da referida escola e nossos parentes da segunda escola indígena Kokama, a escola municipal Kunumi Aliança, com o intuito de reelaborarmos o Projeto Político Pedagógico na categoria indígena. A reunião foi na escola municipal CESBI, localizada no município de Benjamin Constant-AM.

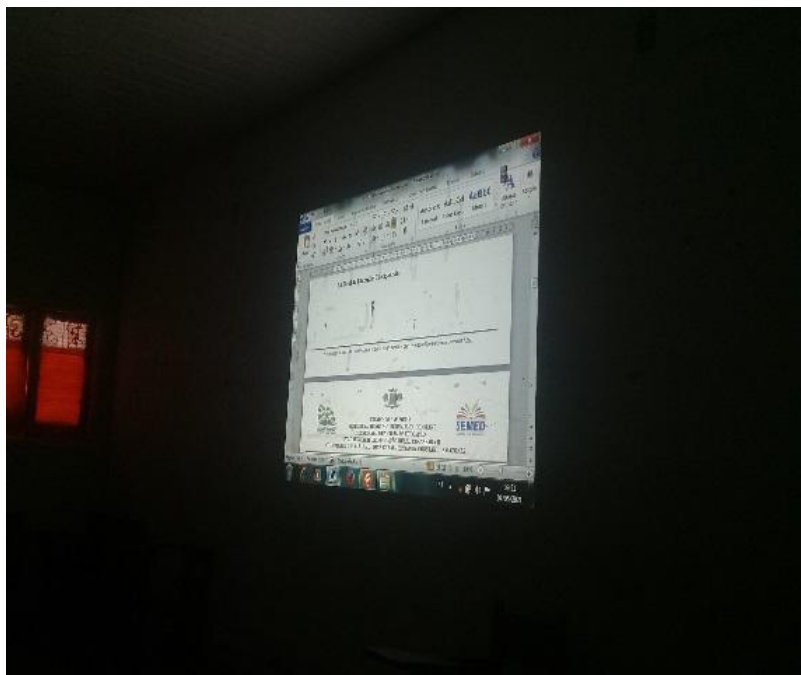


Figura 3. Elaboração do PPP - reunião na Escola Municipal CESBI.
Fonte: Samias, 2020.



Fonte 4: Gestora, Coordenadora e professores. Fonte: Samias, 2020.

Nessa perspectiva, a formação dos professores indígenas Kokama no município de Benjamin Constant e vitalização da língua materna estão presentes no primeiro passo, que é a elaboração do Projeto Político Pedagógico no quesito indígena das duas escolas reconhecidas legalmente, que são Nova Aliança e Guanabara II. Ressalto que as ações são tomadas em reuniões com os professores, gestora e coordenadora, sabemos que leva tempo para que esse andamento seja inserido, processo que assim que for finalizado possamos, no próximo ano letivo, inserir professores bilíngues em nossas escolas e metodologias e conteúdos na língua materna.

A partir do dia 25 de maio de 2021, na referida aldeia e escola indígena, foi adotado o projeto educacional da semana do meio ambiente. Nele está incluída a participação de toda à comunidade escolar. Uma das metodologias aplicadas é a reciclagem de materiais fornecidos na própria aldeia, e em relação à cultura do Povo Kokama, aproveitamento da madeira, que é utilizada para confeccionar artesanato, as canoas, remos (yapukita) que são utilizados em seu dia-a-dia e enfeites. Os colares, que são confeccionados das sementes das árvores da floresta, dentes de peixes, besouros, e animais de caça, as cuias, confeccionadas com o grafismo Kokama.

A imagem abaixo apresenta o primeiro passo do ano da escola municipal indígena de Guanabara II, um ensino diferenciado de acordo com a cultura do povo Kokama na educação escolar indígena.



Fonte 1: Painel de Bem-vindo (Uriakati) com grafismo kokama



Fonte 2: Exposição de artesanato kokama-colares, Cuas pintado com grafismo e animais, o Jabuti Branco(Yawati Tinin)

Diante destas perspectivas, nós Povo Kokama da Amazônia e Alto Solimões, estamos conquistando o nosso reconhecimento junto aos órgãos públicos oficiais e à sociedade. Para Bartolomé (2006)

[...] todas as culturas humanas resultam de processos de hibridação, já que a própria noção de cultura deve ser considerada um sistema dinâmico, cuja existência se deve tanto à criação interna quanto à relação externa. (BARTOLOMÉ, 2006, p. 41)

O Povo Kokama está defendendo, com sua ação política, a sua cultura ancestral, ao mesmo tempo que busca formas de conviver com outros grupos no mundo atual:

Nesse sentido, a etnogênese apresenta-se como processo de construção de uma identificação compartilhada, com base em uma tradição cultural preexistente ou construída que possa sustentar a ação coletiva. (BARTOLOMÉ, 2006, p. 43)

Conforme o sistema do município for disponibilizando as vagas de professores indígenas na escola e na aldeia, segundo a Secretaria De Educação, irão ser ofertadas no ano que vem mais vagas de professores e um professor bilíngue Kokama, que assim esperamos. Na atualidade a escola possui dez professores, uma coordenadora pedagógica, a gestora, que é indígena Kokama, e uma professora Kokama.

CAPITULO III

3 PROPOSTAS EDUCATIVAS: INDICAÇÕES DE CAMINHOS PARA VITALIZAR A CULTURA INDIGENA KOKAMA NO ÂMBITO EDUCACIONAL

Este capítulo relatará uma proposta pedagógica Kokama para o futuro, enquanto trabalho de memória do futuro (SILVA, 2020) relacionada, de um ponto de vista crítico, às metodologias empregadas nos primeiros passos na escola indígena Antiri Awanari Tsamia em Guanabara II. Indagando-os assim às reivindicações através dos ensaios fotográficos, grafismo, dança, música e associação das mulheres indígenas Kokama através de uma manifestação cultural, enquanto expressão e linguagens para comunicar quem somos.

3.1 PROPOSTAS EDUCATIVAS: DO ENSAIO FOTOGRÁFICO

Em relação ao ensaio fotográfico feito por mim durante esses meses, afirmo que é uma maneira de reivindicação através das fotografias e imagem. É uma maneira de empoderar as mulheres indígenas – não só minhas parentes Kokama, mas, todas as mulheres que tenham medo de se autodeclarar indígenas – apresentando sua cultura através de fotografias na mídia e redes sociais. Rivera Cusicanqui (2015)⁶, ao diferenciar a antropologia visual da sociologia da imagem, diz que na antropologia visual o observador se coloca de maneira externa ao que ele observa, enquanto na sociologia da imagem o observador observa a si mesmo, sendo importante o entorno social onde acontece a observação. É preciso que o observador tome distância de tudo de diferente que acontece ao seu redor e concentre a sua atenção na própria cultura. O observador participa não apenas observando, mas como parte daquilo que está sendo observado. Assim, ser mulher indígena Kokama, participar da minha cultura, é a forma de me colocar na fotografia: me afastar

⁶ A pesquisadora boliviana Silvia Rivera Cusicanqui, de origem Aimará, nos conta, em seu livro *Sociología de la imagen* (2015), que, para apresentar, junto com outros pesquisadores, o resultado de um trabalho de pesquisa que teve como produto final dois livros, foram organizados eventos de fotografia e vídeo. Os eventos, programados para quinze dias, tiveram que ser ampliados para um mês devido à grande afluência de público. Já os 2 mil livros impressos com os resultados da pesquisa demoraram trinta anos para serem todos vendidos. Desse relato se percebe a força das imagens na divulgação da cultura.

dos elementos externos à minha cultura e me aproximo dela, para dialogar com as pessoas do meu povo que veem a minha fotografia e dizer às pessoas de outros povos a que povo eu pertenço.

Ao ouvir e presenciar, pelo poder público do meu município, que Kokama não tinha direitos, que não tinha cultura, e que não falava sua língua, busquei uma forma de mostrar a cultura Kokama, de mostrar a identidade indígena Kokama⁷, e defender os direitos dos Kokama, previstos na Constituição Federal de 1988⁸ e em outras leis.

Os modelos e pinturas são criados por mim mesma, as costuras são confeccionadas com ajuda da minha mãe, que é costureira, após o término das roupas, isto é, costuras, elas passam pela terceira e última etapa, que são de pintar com grafismos indígenas Kokama. No momento confecciono somente para mim mesma e para minhas irmãs e sobrinhos, mas já recebi proposta para desenhar para minhas colegas e até mesmo montar uma marca, no Alto Solimões, de roupas culturais.

Normalmente às pinturas e grafismos que utilizo em minhas roupas são os que simbolizam e representam o meu clã, dos meus ancestrais e anciãs, anciões da minha família, que, segundo o movimento indígena Kokama, foram os primeiros a se identificar como indígenas e reivindicar pelo nosso reconhecimento, e hoje é denominada como família patriarcal do Alto Solimões, família Samias – ou *Tsamia* na língua materna.

Nos últimos anos os povos indígenas do Brasil vêm demonstrando a moda como expressão cultural e pessoal de uma certa etnia, através de roupas culturais, grafismo, indumentárias, que demonstram suas culturas e que se caracterizam como fonte e aposta fundamental na dinâmica da socialização e da constituição identitária de um certo povo. Segundo Cidreira (2010):

⁷ A Lei Federal nº 6.001/1973 - Estatuto do Índio, no artigo 3º, inciso I, afirma que índio é “todo indivíduo de origem e ascendência pré-colombiana que se identifica e é identificado como pertencente a um grupo étnico cujas características culturais o distinguem da sociedade nacional”. (BRASIL, 2014). O reconhecimento do indígena de sua identidade específica - que, tal como sua cultura, não é fixa e se transforma constantemente no contato com outros povos e com novas perspectivas e necessidades (SILVA, 2019) – se reflete assim, na lei, que passa a servir como uma das referências para a luta por esse reconhecimento por parte da sociedade nacional.

⁸ A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 215, parágrafo primeiro, coloca sob a proteção do Estado as manifestações culturais indígenas e de outras etnias e grupos. Os direitos indígenas à alfabetização em sua língua e a não serem removidos do seu território também estão presentes, entre outros direitos, em diferentes artigos, nesse texto legal.

Atualmente, é mais fácil defender o argumento de que Moda e Indumentária são fenômenos culturais no sentido de que a cultura pode ser entendida como um Sistema de significados, como formas pelas quais as experiências, os valores e as crenças de uma sociedade se comunicam através de atividades, artefatos e instituições. (CIDREIRA, 2010, p. 238)

Em outras palavras, para defender um povo através da moda tornou-se, para a autora, fácil, bastando para isso apresentar suas vestimentas como parte importante do sistema de valores e da cultura do povo. Para isso podemos usar, em conjunto com a moda, a fotografia⁹, como forma de afirmar esses valores e essa cultura perante outros valores e culturas (RIVERA CUSICANQUI, 2015).

Essa confecção de roupas culturais no meu Povo Kokama vem desde nossas origens, mas somente com o passar do tempo, na era de nossos anciãos, que às roupas ganharam o design com nossos grafismos e pintura.

As fotografias abaixo apresentam o ensaio fotográfico feito em homenagem ao meu aniversário de 24 anos, recentemente, em janeiro de 2021. Retrata um aniversário indígena para uma mulher indígena e guerreira, como vemos abaixo: Figura 7 – Representatividade da mulher kokama e os grafismos.

⁹ Aqui cito novamente Rivera Cusicanqui (2015), que em seu livro propõe a fotografia como instrumento de “descolonização da imagem”.



Fonte: Cristhian Aragón- 2021

Figura 8: Representação da roupa cultural e acessórios indígena kokama



Fonte: Cristhian Aragón-2021

O que proponho em relação aos ensaios fotográficos é que possamos nós, Povo Kokama, reivindicar sem medo e mostrar que temos uma cultura muito rica e bonita para ser exposta, que não sirva apenas como uma fotografia, uma linguagem, e sim como um ato para democratizar e reavivar na

sociedade, como um povo, que a cultura, a tradição e os costumes que possuímos.

3.2 DO GRAFISMO INDÍGENA KOKAMA

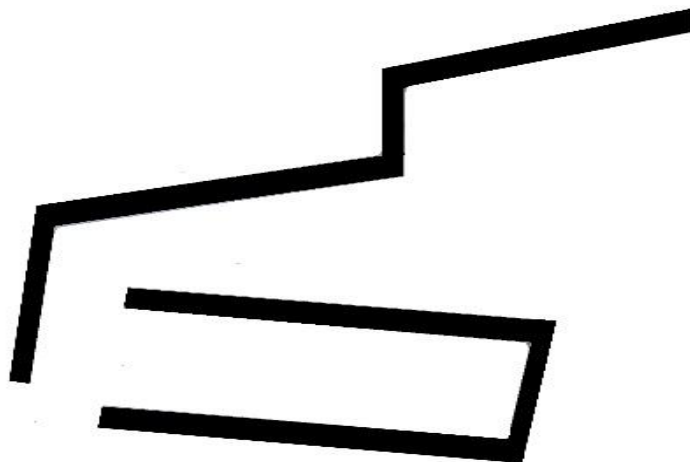
O grafismo Kokama possui vários significados, dependendo de sua colocação. Iniciamos falando das pinturas facial, que são denominadas segundo o estado de uma pessoa, isto é, se uma jovem ou um jovem são casados, solteiros, que firmam um compromisso; ou, se uma jovem não tem contato com nenhum homem, chamamos de mocinha “virgem”.

As imagens abaixo retratam essas diferenças: A primeira figura de número 9 simboliza o grafismo que representa uma mulher ou homem que tenha compromisso, casado.



Fonte: Tatiana Samias - 2021

Segunda figura 10 ao lado representa uma jovem, mocinha que não tem intimidade com homem nenhum, virgem.



Fonte: Tatiana Samias - 2021

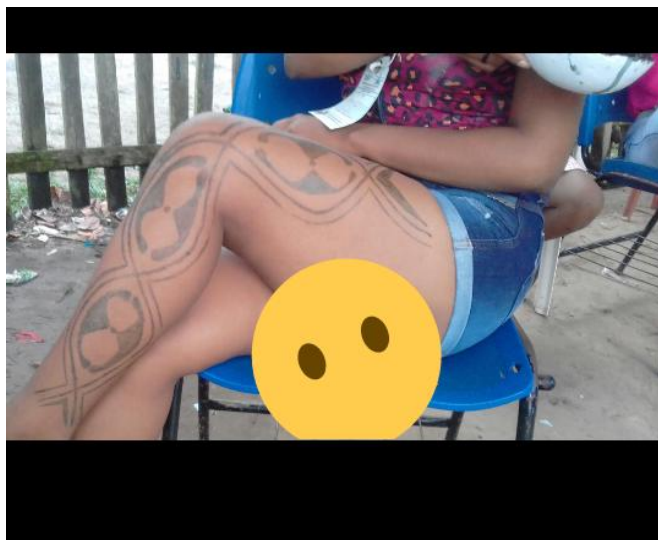
A pintura e grafismo corporal são utilizados de forma alternada, ou seja, podemos usar todos, de maneira diferenciada. Podemos apresentar várias sugestões, conforme os diferentes tipos de pintura e grafismo. Na imagem abaixo, na primeira figura, trata-se do grafismo do jabuti (yawati); e segunda imagem simboliza cardumes de peixes. Ambos fazem parte do nosso dia-a-dia, representando a alimentação, a nossa refeição nas aldeias.

Na figura 11, como afirma a imagem abaixo, na primeira figura, trata-se do grafismo do jabuti (yawati), que representa os jabuti pescado, muitos criam como animais de estimações e que fazem parte do grafismo kokama;



Fonte: Cristhian Aragón – 2021

A segunda imagem e figura 12 simboliza cardumes de peixes. Ambos fazem parte do nosso dia-a-dia, representando a alimentação, a nossa refeição nas aldeias indígenas kokama.



Fonte: Tatiana Samias – 2019

A pouco tempo nossos grafismos ganharam alternância, às famílias de cada clã Kokama ganharam símbolos que os representam. Exemplo disso é a minha própria família: ultimamente, utilizo em minhas roupas culturais o significado de meus dois sobrenomes, que são “Samias” e “Mapiama”.

Na primeira figura 13 o grafismo simboliza meu primeiro sobrenome, “Samias”, que, segundo a grafia Kokama, provém e surgiu da folha

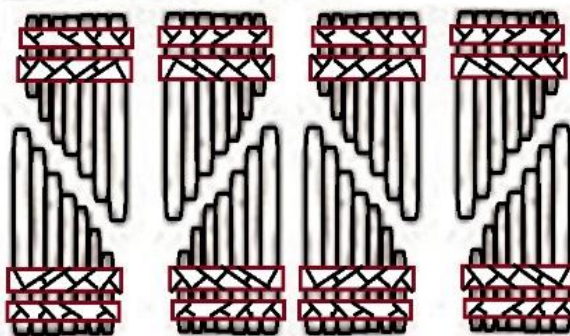
- **TSAMIA** ou ou **TSAMIRI** ou **AMIA**
- (Clã patriarcal Cacicado Geral)
- Provém dos vocábulos tsa 'folha' e miri 'pequeno'.



Fonte: Curso de Professores bilíngues-2021

Na segunda a figura 14 o grafismo da flauta simboliza meu segundo sobrenome, da família 'Mapiama" ou "Manuyama", que, na língua materna, afirma que meus ancestrais eram artesãos e confeccionavam flautas, bombos com couro de onças, instrumentos musicais. Prova disso é que, até os dias atuais, meu tio Mauro Cahuasa, irmão de meu Pai, confecciona esses instrumentos musicais, toca flauta e confecciona colares.

- **MANUYAMA**
- Provém dos que são madrugador, que fazem flauta e demais instrumentos musicais de couro.



Fonte: Curso de Professores bilíngues-2021

Em relação aos clã kokama constitui-se em um grupo de pessoas de uma família, parentesco e linhagem, e que é definido pela descendência de um ancestral comum. Mesmo se os reais padrões de consanguinidade forem desconhecidos, ainda assim, os membros do clã se reconhecem em seu ancestral maior. Como o parentesco baseado em laços pode ser de natureza tradicional de nosso Povo Kokama, alguns clãs compartilham um ancestral comum "estipulado", o qual é um símbolo da unidade do clã. Nossos Clãs são patrilineares, significando que os membros são vinculados à linhagem masculina.

Não se traduz os sobrenomes, precisa saber qual seu clã e grafismo de sua família. Os Sobrenomes tradicionais Kokama ou (Kukamie-Kukamiria) foram modificados pelo branqueamento político de integração, catequização, perseguição, fuga, camuflagem, expulsão e por negação de identidade indígena Kokama. (Fonte. Protocolo da Federação Kukami Kukamiria), Apresentamos exemplo dessas variações na tabela abaixo.

Clã Tradicional Milenar	Variações, Modificações ou Adaptações
1 - ACHU ou YACHUKARIN Provem de “os que fazem colar, amuletos, etc.”	Abeldo, Abeldos, Acho, Alho, Anjos, Ataíde (família modificada no Peru), Barbosa, Da Paz, Dos Anjos, Hacho (família modificada no Alto Solimões), Paz

Fonte: Protocolo de reconhecimento étnico do povo kokama

A proposta que destaco aqui, acredito que, em relação ao grafismo Kokama, seja implementada na escola como uma disciplina obrigatória – talvez possa ser encaixada na disciplina de artes, para que assim os alunos da escola possam aprender e conhecer os grafismos através de pinturas. Tenho

conhecimento que muitos Kokama não sabem e não conhecem, principalmente seus clãs e significados de seus grafismos.

Portanto, espero, por meio destas iniciativas, que possamos adaptar nosso ensino tradicional para nossa educação escolar indígena; cobrar e implementar, no planejamento curricular. Sabemos que a convenção 169 da OIT é lei no Brasil desde 2004, e que nessa lei está garantido nosso direito de ser consultados e de escolher nossas prioridades de desenvolvimento; também fala que nós, os povos indígenas, podemos decidir como nos governar em nossa política indígena.

3.3 MÚSICA, DANÇA, CULTURA

Na aldeia a lócus desta pesquisa, temos uma família que domina o saber da cultura do Povo Kokama, suas danças e músicas, como nenhuma outra: os descendentes do falante e primeiro cacique André Januário Samias, falecido há 11 anos. Proponho aqui, para trabalhar na escola, convidar a cantora bilíngue da aldeia e de Benjamin Constant, a Srta. Simone Samias, para ministrar aulas, oficinas, ensinando os cantos que a mesma canta, como o hino nacional na língua Kokama, as músicas na língua materna cantadas pelo seu avô, que a mesma atualmente canta, como resgate e permanência do ancião na aldeia e no movimento indígena.

Posso estar ministrando, como professora, porquê sou conhecedora, canto às músicas na língua Kokama, mas proponho que convidemos essas pessoas e anciãos que conhecem e sabem de nossa cultura, para que assim se torne uma aula prazerosa e diferenciada, renovando os métodos de ensino e saindo um pouco da rotina e do quadro branco. A imagem abaixo apresenta umas das músicas cantada pelo povo Kokama na língua materna.

Ipira memuki

(peixe muqueado, assado na fumaça)

Memuki

Tapaka memuki
Kirimata memuki
Akaratsu memuki
Tarira memuki

Kuana memuki
Tsaikana memuki
Akarapewa memuki
Ipiri memuki

Muqueado

Pacú muqueado
Curitamã muqueado
Cara-açú muqueado
Traíra muqueado

Piau muqueado
Peixe-cachorro muqueado
Carazinho muqueado
Piranha muqueado

Fonte: Materiais Pedagógicos da Federação-TWRK (Tapyá Weteratsun Ritamakuara Kukami)

A imagem acima é de uma das músicas Kokama traduzidas da língua materna para o português. A dança Kokama no Alto Solimões é demonstrada nos eventos e festas culturais, mas há apenas uma maneira de se dançar. Esta dança foi adotada na aldeia de Sapotal, pertencente à Tabatinga, considerada a sede do Povo Kokama no alto Solimões, adotada pelo ancião Francisco Guerra Samias, com um passo para direita e esquerdo, com rodas com pares, casal de homens e mulheres. Como demonstra a imagem abaixo. A figura de número 16 apresenta a dança cultural indígena kokama.



Fonte: Maurício Curico- II Assembleia do povo Kokama em Muria - Tonantins-AM, 2020.

Às vestimentas são vestidos e tiaras para as mulheres (Waynano) e para os homens (Ñaptsara) apenas saias e cocar na cabeça – não podemos usar cocar principalmente os jovens, em respeito a nossas lideranças, porque somente lideranças podem usar o cocar na cabeça, pajés e taitas que fazem nossos remédios tradicionais, incluso nosso ritual do ayahuasca – todos estampados com os grafismo da etnia. Essas vestimentas marrom e branca simbolizam nossos antepassados, que, segundo a mitologia e anciãos Kokama, relatam que em 1500, quando os colonizadores entraram em contato com os indígenas no Brasil, o nosso povo Kokama já usava roupas feitas de algodão branco confeccionados por eles mesmo.

Havia outra maneira de confeccioná-los, retirando o tecido do couro, tucum ou tuturi, que são das plantas e árvores da floresta amazônica.

A proposta que sugiro em relação a dança cultural, que seja adotado ou até mesmo criado um grupo de dança da escola e até mesmo da comunidade, com jovens, incluindo-os crianças e adolescentes. Que sejam confeccionadas suas roupas de dança com sua participação e assim realizando apresentações no Alto Solimões e mostrando sua cultura.

3.4 VOGAIS E ALFABETO KOKAMA

As primeiras propostas empregadas na referida escola indígena Kokama de Guanabara II, enquanto professora, sugiro que seja através do alfabeto na língua materna para que alunos possam conhecer, ter conhecimento, assim iniciando seu processo de ensino-aprendizagem, como se fossem iniciando um ensino desde o começo da educação infantil.

Proponho que se use as vogais e o alfabeto da língua Kokama: neles encontram-se as letras maiúsculas e minúsculas. Apresento abaixo as formas de escrita e pronúncia das vogais:

Tabela 3: Vogais kokama

Vogais Maiúscula	Vogais Minúscula
A- E- I- I- O – U	a- e- i- o – u

Fonte: Tatiana Samias, 2021.

No segundo momento do processo de ensino e aprendizagem, aplicar e ensinar o alfabeto. Vale ressaltar que, como todos os alunos da referida escola, não conhecem as vogais e o alfabeto, proponho que os mesmos possam aprender. A tabela abaixo apresenta o alfabeto da língua Kokama maiúscula e minúscula.

Alfabeto Maiúscula	Alfabeto Minúscula
A- CH- E- I- ĩ- J- K- M- N- O- P- R- SH- T- U- W-Y	a- ch- e- i- ĩ- j- k- m- n- o- p- r- sh- t- ts- u- w- y

Fonte: Tatiana Samias, 2021.

Nas letras e palavras onde possui “ĩ” tem seis significados diferentes, dependendo da palavra, são estes ia, ie, ii, io, i, iu. No alfabeto da língua materna indígena Kokama, não existem b, d, g, z, nh, somente na língua portuguesa. Feito isto, proponho também aplicar, como meio de ensino, como por exemplo, os dias da semana, os meses do ano, e os números naturais na língua Kokama e tradução na língua portuguesa.

As imagens e tabela abaixo mostram os números de 0 a 10, dias da semana, os meses de nosso calendário escrito e traduzido:

Tabela 4: Números Naturais kokama

Língua Portuguesa	Língua Kokama
0- Zero	Yero
1- Um	Wepe
2- Dois	Mukuika
3- Três	Mutsap+r+ka
4- Quatro	Iruaka
5- Cinco	Pichka
6- Seis	Sokta
7- Sete	Kansi
8- Oito	Pusa
9- Nove	Iskum
10- Dez	Tchungá

Fonte: Tatiana Samias, 2021.

KUARACHI

(DIAS DA SEMANA)

Domingo (descanso)	Mitu
Segunda-feira	Wepekamata
Terça-feira	Mukuikakamata
Quarta-feira	Mutsapirikakamata
Quinta-feira	Iruakakamata
Sexta-feira	Pichkakamata
Sábado (não tem trabalho)	Tsupapa

Fonte: Materiais pedagógico da Federação TWRK (Tapiya Weteratsun Ritamakuara Kukami) 2019

YATSŦ WATA

(MESES DO ANO)

Janeiro	Watira yatsi wata	Julho	Kantsi yatsi wata
Fevereiro	Mukuika yatsi wata	agosto	Putsa yatsi wata
Março	Mutsapirika yatsi wata	setembro	Itskun yatsi wata
Abril	Iruaka yatsi wata	outubro	Chunka yatsi wata
Mai	Pichka yatsi wata	novembro	Chunka wepe yatsi wata
Junho	Tsukta yatsi wata	dezembro	Chunka mukuika yatsi wata

Fonte: Materiais pedagógicos da Federação TWRK (Tapiya Weteratsun Ritamakuara Kukami) 2019.

Portanto, essas propostas que estou apresentando não estão empregadas no momento no processo de ensino-aprendizagem da escola, mas se afirmam na reelaboração do seu Projeto Político Pedagógico, oferecido segundo a Constituição Federal de 1988, a Lei De Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96) e, para nós indígenas, de acordo com nossas especificidades e cultura. O Plano Nacional de Educação – PNE, (Lei

13005/2014), assegura, na elaboração dos planos dos planos de educação dos Estados e municípios, as “necessidades específicas das populações do campo e das comunidades indígenas e quilombolas, asseguradas a equidade educacional e a diversidade cultural”. Prevista a cultura na esfera legal, cabe lutar para que chegue efetivamente às escolas de suas comunidades.

3.5 ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENA KOKAMA (AMIK)

No dia 02 de fevereiro de 2020 foi criada a Associação das Mulheres Indígena Kokama, às 11:33h da manhã, na aldeia de Guanabara II, pela minha iniciativa, eu, Tatiana Samias Mapiama. O objetivo desta associação é de resgatar nossa cultura através do artesanato Kokama, oportunizar os jovens e principalmente nossos anciões a reatarem em suas confecções nossos artesanatos, que os mesmos conhecem e não estão sendo visibilizados na sociedade e em nosso contexto atual.

Nestas perspectivas Souza 2018 enfatiza que:

A partir da invisibilidade vivemos um processo para adquirir visibilidade como um povo indígena presente no estado brasileiro. Precisamos fortalecer as línguas indígenas dando visibilidade e austeridade, cabe a nós aceitarmos como forma de dar valor ao que somos e ao que temos como identidade.(MAURICIO, SOUZA. 2018, p.12)

O autor enfatiza que nós, Povo Kokama, temos a oportunidade de visibilizar nossa cultura, que está na decisão de nossos atos, reivindicação e vitalização. É nesse espírito que foi constituída a Associação e escolhidos os colaboradores. Na tabela abaixo mostramos os membros de sua diretoria:

Cargos	Membros
Presidente	Alzilene de Lima Aiambo
Vice-Presidente	Tatiana Samias Mapiama
Primeira Secretaria	Carla Sebastião Macedo
Segunda Secretaria	Gesilene Ferreira dos Santos
Primeira Tesoureira	Zuleide Curintima Samias
Segunda Tesoureira	Reinalda Cahuachi Tapayuri

Primeiro Fiscal	Ana Nery Samias Mapiama
Segundo Fiscal	Maria da Conceição Nascimento Carvalho

Fonte: Caderno de ata 2020

No momento ainda não possuímos o estatuto da presente associação. Por motivos diversos e também por conta da pandemia da COVID-19 foram paralisados os encontros e reuniões do Povo Kokama de Benjamin Constant-AM.

Tenho em vista trabalhar com todos os meus parentes indígenas Kokama do município. Eu poderia apenas trabalhar somente com minha aldeia, mas não quero isso, reconheço e tenho conhecimento que para vitalizar nossa cultura nós, Povo Kokama, temos que trabalhar em união, para que assim possamos atingir um só objetivo e meta.

A proposta será empregar colaboradores de todas às doze aldeias Kokama, que são: Bom Jardim II, Santo Antônio, Santa Rita, São Gabriel, Novo Oriente, Guanabara II, Nova Aliança, Mato Grosso, Nova Terra, Esperança do Solimões, Boa Vista e a nova aldeia identificada como Kokama Novo São João. Trabalhando juntos, isto é, todas às populações e aldeias Kokama, ofertar as oportunidades para nossos anciões que sabem, conhecem, e fazem algum tipo de artesanato, através da realização de oficinas, para que eles possam ensinar nossas mulheres e jovens filiadas à associação das mulheres indígena Kokama, que será a primeira do Alto Solimões.

Como educadora proponho também que, através desta associação, possamos dar oportunidades aos jovens usuários que estão perdidos nos vícios e bebidas alcoólicas em nossas aldeias. Felizmente essa é a realidade de hoje, de todas as nossas aldeias dos povos indígenas, jovens e crianças jogando seu futuro fora, se perdendo nessa vida.

Destaco também, que há indícios de propostas em relação vitalização da língua e cultura do povo kokama, aos trabalhos, artigos e livro lançado pela professora e liderança da organização dos professores a Sr. Elisângela Lopes da etnia kokama e da aldeia de Bom Jardim II e professora da Universidade do Estado do Amazonas a Sr. Maria Auxiliadora Coelho Pinto. Neste livro de “Memórias de Bom Jardim II” apresenta-se algumas propostas e metodologias de acordo com os relatos de histórias e memórias relatados pelos anciões da referida aldeia, contos entrevistados sobre os costumes daquela época.

Esperamos que seja feita a vitalização da nossa língua materna, cultura, costumes, em nosso município. Esperamos assim que, através da organização dos professores pela educação Kokama de Benjamin Constant OPIPEK-BC, curso para professores bilíngues que são oferecidos diariamente pela Federação, possamos estar avançando cada vez mais nossa língua materna. Que esta luta seja alcançada, pois estamos lutando pelos nossos direitos originários, conforme a Declaração de Direitos dos Povos Indígenas da ONU de 2007, que afirma e reconhece o nosso direito indígena à personalidade jurídica e o direito à autonomia (ONU, 2008)¹⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo vem apresentando o histórico, origens, o passado do povo Kokama no Alto Solimões, os primeiros passos para vitalização de sua língua materna, vem expressando o quanto a educação é de suma importância e uma arma poderosa para o resgate de sua cultura, através dos professores indígenas Kokama, anciãs, anciões, lideranças e população. Na escola de Guanabara II, a meta visa trabalhar juntos com toda a comunidade escolar no fortalecimento da língua materna, juntos com todas as aldeias pertencente ao município de Benjamin Constant-AM.

Fomenta sobre o trabalho de memória do futuro do povo Kokama, enquanto expectativas diante de suas lutas, reivindicação no contexto social, étnico e cultural, relevante às suas ações culturais na política do povo Kokama, a vitalização através jogos, olimpíadas indígenas, professores bilíngues, com a destaque a uma Pedagogia Kokama que encontra em diversas linguagens, como descrevemos como vitalização de nossa cultura e língua. Destaco aqui que não sabemos ao certo o porquê do não retorno da Dra. Ana Suely com sua tese relacionados ao povo Kokama, ou se seu retorno foi com os trabalhos

¹⁰ Ver, em especial, os artigos 4, 18, 31 e 33.

realizados com a Dra. e linguista Altaci Rubim que trabalharam juntas. Também tem a tese da orientada da Ana Suely: Chandra Wood Viegas da Unb, que deu aula na licenciatura intercultural indígena da OGPTB, auxiliada pelo Kokama Washington. Seria interessante organizar uma biblioteca kokama, com materiais disponíveis na literatura escrita sobre este povo. A pandemia que foi prejudicial no aspecto de resgate de nossas culturas, levando vidas e nossos anciãos falantes, sabemos que a COVID-19 não é uma doença do povo Kokama e sim, mundialmente, que afetou especificamente nosso povo no Alto Solimões. E finalmente, retratamos a visibilidade do povo Kokama, no presente relacionados a associação das mulheres indígenas, que será uma defesa da cultura do povo Kokama através de uma pedagogia Kokama que se manifesta com diversas linguagens étnica e na educação. Por fim, essas conexões que aqui foram exploradas entre os trabalhos de memória coletiva do passado, do trabalho de memória coletiva atual e trabalho de memória no futuro se expressa e se movimenta na nossa pedagogia Kokama e suas linguagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; RUBIM, Altaci Corrêa; SANTOS, Glademir Sales de. **Nova Cartografia social da Amazônia: Movimento Kokama em São Paulo de Olivença-AM**. Manaus: UEA, 2013.

BARTOLOMÉ, Miguel. As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 39-68, 2006.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Coordenação de Edições Técnicas, 2020. (Compilado até a Emenda Constitucional 105/2019)

BRASIL. Ministério da Justiça/Ministério da Educação e Cultura. Dispõe sobre a Educação Escolar para as Populações Indígenas. Portaria n. 559, de 16 de abril de 1991. Brasília, 1991. Disponível em: https://acervo.socioambiental.org/adv-search?content_type=documento&field_category=23735&field_order_by=field_data&page=90. Acesso em: 03 jun 2021. (Acervo do Instituto Socioambiental)

CABRAL, Ana Suelly de Arruda Câmara. **Contact-induced language change in the western amazon: the non-genetic origin of the kokama language [dissertation]**. Pittsburgh, Penn: University of Pittsburgh, 1995.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 2006.

DANE – Departamento Administrativo Nacional de Estadística. **Censo Nacional De Población y Vivienda 2018 (CNPV 2018): Población por pueblo indígena**. Bogotá: DANE, 2019.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, M. A. B. de 2002. **O povo Kokama: Um caso de Reafirmação de Identidade Étnica**. 106 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas-UFAM, 2002.

FUNAI. Coletânea de documentos da Terra Indígena Acapuri de Cima. Brasília, 2012. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto68/FO-CX-68-4467-2012.PDF>. Acesso em: 01 jun 2021.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indígenas**: estudos especiais; o Brasil indígena; povos e etnias. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias.html>. Acesso em: 01 jun 2021.

INDÍGENAS mortos por Covid-19 chegam a 55, segundo Apib; número cresce 45% em dois dias. **Instituto Socioambiental-ISA**. [s.l.] 2020. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/indigenas-mortos-por-covid-19-chegam-a-55-segundo-apib-numero-salta-45-em-dois-dias>. Acesso em: 03 jun 2021.

ÍTEGRA das respostas para a reportagem sobre covid-19 entre indígenas do Amazonas. **Repórter Brasil**. [s.l.] 2020. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/05/integra-das-respostas-para-a-reportagem-sobre-covid-19-entre-indigenas-do-amazonas/>. Acesso em: 03 jun 2021.

KUKAMA, KUKAMIRIA. *In*: BASE DE DATOS de Pueblos Indígenas u Originários (BDPI). Lima: Ministério de Cultura, [2020?]. Disponível em: <https://bdpi.cultura.gob.pe/pueblos/kukama-kukamiria>. Acesso em: 01 jun 2021.

MOTA, Marinete Lourenço. **A criança na fronteira amazônica**: o viver no fio da navalha e o imaginário da infância. 2016. 259 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM – Manaus, 2016.

SAMIAS FORTE, Luciane. **Transformações kokama**: processos de avivamento da língua materna na comunidade de Sapotal. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) – Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas – INC/UFAM – Benjamin Constant-AM, 2018.

SANCHES, Daniele. **Coronavírus**: OMS decreta pandemia; o que muda nos cuidados com a saúde? Viva Bem UOL. [s.l.] 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/03/11/coronavirus-oms-decreta-pandemia-mas-o-que-isso-muda.htm?next=0001H838U44N>. Acesso em: 03 jun 2021.

SANTOS, Yonara C. S. **Fonética e fonologia preliminar da língua omágua/Kambeba**. 2015. 77 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas-UFAM – Manaus, 2015.

SEBASTIÃO, Samiely Arcanjo. **A revitalização da língua kokama na comunidade Santa Maria da Colônia, município de São Paulo de Olivença – AM**. 2020. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) – Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas-UFAM - Benjamin Constant-AM, 2020.

SILVA, Maria Angelita D. da. **Memória e identidade do povo Xetá: narrativas visuais e memória coletiva no quadro da dispersão**. Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2020. 272 p.

SILVA, Maria A.; MAPIAMA, Tatiana S. **O problema da comunicação na conexão entre cultura, ciência e linguagem: a participação das diversas etnias em tempos de pandemia na faixa de fronteira, Alto Solimões**. Benjamin Constant: Universidade Federal do Amazonas-UFAM, 2020. (Projeto de Pesquisa participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC)

SOUZA, Maurício Cordeiro de. **Ritama Yamimim Katupe: Os Kokama de Sapotal**. 57 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia). Universidade de Brasília - UnB – Brasília-DF, 2018.

RIVERA CUSICANQUI, Sílvia. **Sociología de la Imagen: Miradas ch'ixi desde la história andina**, Buenos Aires, Tinta limón, 2015.

RUBIM, Altaci C. A vitalização da língua kokama além das fronteiras entre o Brasil e Peru. **Cadernos de Linguística**. v.1, n. 3, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/268/115>. Acesso em: 01 jun 2021.

RUBIM, Altaci C. **O reordenamento político e cultural do Povo Kokama: a reconquista da língua e do território além das fronteiras entre o Brasil e o Peru**. 2016. 324 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília-UnB – Brasília, 2016.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos. In: Pontes, Aldo; De Lima, V. S.: **Construindo saberes em educação**. Porto Alegre: Zouk, 2005.

UFAM suspende atividades acadêmicas e administrativas presenciais de 16/03 a 30/03. **Universidade Federal do Amazonas**, Manaus, 2020. Disponível em: <https://ufam.edu.br/noticias-destaque/1218-ufam-comunicado-oficial-coronavirus.html>. Acesso em: 03 jun 2021.

VIEIRA, José Maria Trajano. A alteridade kokama entre fronteiras na Pan-Amazônia. *In: Encontro Anual da Anpocs*, 42., 2018, Caxambu – MG. **Anais...** São Paulo: Anpocs, 2018. s.p.

Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/4o-encontro-anual-2018>. Acesso em: 31 mai 2021. (paper apresentado pelo GT 26 Redes de relações indígenas no Brasil)

APÊNDICE



Figura: 2 Arco Flechas-Olimpíadas 2020




Figura: 2 Centro Cultural de Sapotal-2020



Figura: 3 Dança Cultural-Olimpíadas 2020



Figura: 4 Reunião OPIPEK-BC

ANEXOS

GUANABARA II, NO MUNICÍPIO DE BENJAMIN CONSTANT/AM, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O EXCELENTÍSSIMO SENHOR **DAVID NUNES BEMERGUY**, M.D. PREFEITO DO MUNICÍPIO DE BENJAMIN CONSTANT, ESTADO DO AMAZONAS, no uso de suas atribuições legais, e constitucionais.

CONSIDERANDO, o inciso I, art. 89 da Lei Orgânica do Município de Benjamin Constant/AM;

CONSIDERANDO, a Portaria nº 1704, de 19 de abril de 2013, da TI Guanabara/FUNAI;

CONSIDERANDO, o Decreto nº 1.775, de 08 de janeiro de 1996, da TI Guanabara/FUNAI;

CONSIDERANDO, Ata da Audiência Pública, realizada na Comunidade Indígena de Guanabara II.

CONSIDERANDO, o Ofício nº 056/2019/GS/SEMED.

DECRETA:

Art. 1º - DENOMINAR a Escola Municipal da Comunidade de Guanabara II, no Município de Benjamin Constant, como **“ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA ANTIRI AWANARI TSAMIA”**.

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogando as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO DE BENJAMIN CONSTANT/AM,
em 01 de agosto de 2019.

COMUNIDADE INDÍGENA KOKAMA GUANABARA II, DIA 02 DE FEVEREIRO
DE 2020

Nos Indígenas comunitários desta comunidade reunido neste dia para discutirmos nossa questão de educação, após, várias discussões foi decidido a fazer substituição da coordenação do Polo Sr. José Francisco Melo Campos, pelo motivo de não corresponder conforme as Diretrizes e Bases da Educação Escolar Indígena. Outrossim, informamos também que o mesmo não tenha se dedicado como indígena, para que a Escola seja realmente indígena, pois, escola da referida comunidade já se encontra reconhecida na modalidade indígena. Por tanto, solicitamos o Professor Osias Aicate Aiambo, indígena kokama residente da comunidade Guanabara II, para assumir o cargo de coordenação da Escola Municipal Indígena kokama Antir-i Awanari Tsamia. Desde já, contamos com o vosso apoio e sensibilização de atender nosso pedido, para que os nossos direitos sejam acatados de acordo com as Diretrizes que nos amparam como um direito e deveres dos povos indígenas.

Declaramos para os devido fins que este documento é verdadeiro.

À gerencia de Educação Escolar Indígena.

Atenciosamente:

1ºCacique

2ºCacique

1ºTesoureiro

2ºSecretário

como etnia. Nessa mesma década o encontro da pesquisadora Suelly Arruda Câmara Cabral com os Kokama de Sapotal, fortalece de certa forma o movimento kokama sobre o fortalecimento da língua e da cultura Kokama no Alto Solimões. Após inúmeras gravações na língua Kokama, a principal liderança Kokama, **Antonio Januario Samias**, hoje já falecido pediu à pesquisadora que gravasse a sua língua para que ela não morresse.

Na década de 90, os Kokamas criaram uma organização chamada **COIAMA- Coordenação de Apoio aos índios Kokamas do Amazonas**, tendo como sede principal Manaus, fundada por lideranças kokama entre eles, Francisco Guerra Samias, hoje já falecido, com ajuda de algumas pessoas políticos de Manaus, sendo a função de essas pessoas procurarem comunidades indígenas que precisavam de apoio. Num primeiro momento um senhor conhecido como Cajueiro que trabalhava na prefeitura de Tabatinga se constatou com o professor **Jair Guerra Samias**, indagando-lhe a sua origem, sendo que o professor afirmou que era da etnia Kokama.

A partir de então começa um longo relacionamento com a família Samias da comunidade Kokama de Sapotal, o professor Jair conversou com seu irmão Francisco que era o mais velho que tinha um conhecimento mais desenvolvido em função do seu povo, Foi quando Francisco viajou até Manaus, e através de conversas, vislumbraram vantagens para os kokama em

COIAMA- Coordenação de Apoio aos Índios Kokama do

vantajoso, começaram a lutar para organizar o povo e havia muita mobilização para trabalhar. A partir do quarto ano começaram a surgir divergências entre políticos e indígenas e então Francisco Guerra Samias, Cristovão Macedo Moçambique e Eladio Rodrigues Curico, se afastaram da **COIAMA-Coordenação de Apoio aos Índios Kokama do Amazonas**. O maior conflito, segundo Francisco, era a intenção das pessoas de Manaus em escolher as lideranças das aldeias e isso acabava criando desavenças e divergências internas na aldeia. Após o afastamento de Francisco, Eladio e Cristovão que não queriam interferir no trabalho de seus parentes e acreditavam na melhoria das condições de vida do povo, no entanto, a situação foi inversa, do trabalho não surgiram resultados e a aldeia foi piorando. Esta situação fez com que as lideranças se organizassem por se mesmos depois de varias reuniões, nas comunidades kokama de Barreirinha e Sapotal, criaram a **OGCCIPK- Organização Geral dos Caciques das Comunidades Indígenas do Povo Kokama**, fundada em 11 de fevereiro de 2001, na comunidade de Sapotal. O professor **Francisco Guerra Samias** foi o articulador e assessor técnico da Assembleia Geral das comunidades kokamas do Alto Solimões, realizada na comunidade de Sapotal, em fevereiro de 2001, para dar origem à criação da Organização Geral do Povo

frente do movimento por um período de 6 anos, atualmente assumindo a presidência através de uma Assembleia Geral em Sapotal no ano de 2013 o Kokama **Eladio Rodrigues Curico** de Sapotal e Vice-Presidente **Aldemir Reis da Silva** do Município de Tanantins, Secretário Geral **Eldson Panduro Mauricio** do município de São Paulo de Olivença, continuando sempre com o objetivo principal sobre o resgate cultural e a demarcação de suas terras, assim como o direito a acesso a programas diferenciados de educação e saúde.

No ano de 2015 cria-se a Federação kokama em Tabatinga, direcionada e articulada desde 2013 pelo prof^o Francisco Guerra Samias com o único objetivo de dar suporte as comunidades kokama dos municípios do Amazonas e do Brasil, que era o grande sonho do eterno líder kokama Prof^o **FRANCISCO GUERRA SAMIAS**.

Outro grande sonho do líder Kokama Prof^o **FRANCISCO GUERRA SAMIAS**, foi a de criar uma organização de professores kokama do Alto Solimões para que ela pude-se cuidar exclusivamente da educação, sonho que até agora não foi concretizada, mas que as lideranças continuam nesse caminho de luta e dedicação em busca de dias melhores para a população kokama.

E assim trabalhar em estreita parceria com todas as associações internas de todos os municípios como um verdadeiro povo unido que jamais será vencido, que está em busca de melhorias para a população que necessita e espera muito de seus dignos representantes.

Que este magno evento do povo kokama signifique o fortalecimento da unidade, paz e harmonia entre Federação, organização, associações, buscando assim o bem comum de todos e sobre tudo o entendimento e compreensão entre parentes.